



Créditos: Leo Fleck

# Amazônia.

## Verdades e Mitos

### Editorial

A presente edição contempla um dos biomas mais ricos do mundo: a floresta amazônica. Com cerca de 7 milhões de km<sup>2</sup>, a Amazônia é o tema da Campanha da Fraternidade deste ano.

Para entender as verdades e os mitos da Amazônia brasileira e conhecê-la melhor, entrevistamos o líder xavante, Saturnino W. Rudzane'edi, secretário da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB, e o agente da CPT em Tefé, no Amazonas, Jorge Luís Lima, que trabalha com os ribeirinhos.

Também contribuem para uma melhor compreensão da Amazônia brasileira o Prof. Dr. Antônio dos Santos, professor na Universidade Estadual do Amazonas (UEA), que desvenda alguns dos mitos que cercam a Amazônia; Bruno Pagnoccheschi, diretor da Agência Nacional de Águas (ANA), que avaliou as conclusões levantadas pelo Relatório do IPCC; Hueliton da Silveira Ferreira, analista ambiental do IBAMA, que falou das dificuldades do instituto em monitorar a Amazônia; Leonardo Colombo Fleck, biólogo, que sentenciou: “considerando o avanço

atual do desmatamento, poderemos ainda ter a oportunidade de vivenciar esse processo em nossa própria geração, até a metade desse século”; o pesquisador Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), que falou da cultura da pecuária no bioma; e Ane Auxiliadora Costa Alencar, graduada em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), que atua nos temas conservação da Amazônia, modelagem espacial, mapeamento de incêndios florestais, sensoriamento remoto, degradação florestal e estatística espacial.

Há sete dias falecia D. Ivo Lorscheiter. Celebramos a sua memória na página eletrônica do IHU e nesta edição. Também na editoria Memória, recordamos Jean Baudrillard.

A todas e todos uma boa semana e uma excelente leitura !

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Saturnino W. Rudzane'edi: Falta educação para preservar o meio ambiente

PÁGINA 05 | Jorge Luís Lima: "O verdadeiro dono é quem ocupa"

PÁGINA 07 | Antônio dos Santos: Verdade e mitos sobre a Amazônia

PÁGINA 13 | Bruno Pagnoccheschi: Preocupação com desertificação amazônica é precoce

PÁGINA 17 | Ane Alencar: Os fatores do desmatamento na Amazônia

PÁGINA 21 | Hueliton da Silveira Ferreira: Educação ambiental é o único caminho

PÁGINA 26 | Leonardo Colombo Fleck: Savanização da Amazônia, um processo continuado e irreversível

PÁGINA 32 | Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça: "80% do desmatamento da Amazônia se deve à pecuária"

PÁGINA 36 | Luiz Augusto Toledo Machado: Desmatamento e flutuações climáticas na Amazônia, uma relação direta

### B. Destaques da semana

» TEOLOGIA PÚBLICA

PÁGINA 39 | Gregory Baum: O amor homossexual

» MEMÓRIA

PÁGINA 41 | Dom Ivo Lorscheiter (1927-2007)

PÁGINA 42 | Jean Baudrillard (1929-2007)

» FILME DA SEMANA

PÁGINA 45 | BABEL

PÁGINA 48 | DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 50 | FRASES DE SEMANA

### C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 52 | A mulher no século XXI: desafios e alternativas

PÁGINA 53 | A última tentação de Cristo

PÁGINA 55 | Glênio Póvoas: A doença sem melodrama

PÁGINA 56 | Gláucia Angélica Campregher: A indústria top (e pop !) do mundo moderno

PÁGINA 58 | John Manuel Monteiro: Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens

PÁGINA 62 » PERFIL POPULAR | José Alencar Pereira

PÁGINA 65 » IHU Repórter | Adriano Naves de Brito

## “Falta educação para preservar o meio ambiente”

ENTREVISTA COM SATURNINO W. RUDZANE’EDI

*Os índios têm percebido muitas mudanças no ecossistema amazônico nos últimos anos. Exemplo disse pode ser conferido no “clima, extinção de animais e espécies, desmatamentos e queimadas, fauna não respeitada na época de desova”, disse o coordenador secretário da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) do Amazonas, Saturnino W. Rudzane’edi. Líder xavante do Estado do Mato Grosso, ele enfatizou em sua entrevista por e-mail à IHU On-Line que falta educação para preservar o meio ambiente, e que “não existe povo, existem povos indígenas”.*

**IHU On-Line - Qual a experiência do povo indígena na Amazônia? Como os índios se sentem vivendo na Amazônia?**

Saturnino W. Rudzane’edi - Não existe povo, existem povos indígenas, e a experiência de cada um é diferente do outro vivendo em realidades totalmente diferentes, com os costumes e línguas diferentes, diversas culturas, porém temos algo que nos une.

Porque somos parentes

Temos os mesmos direitos

Lutamos em comum como por conquista e autonomia

Respeito à biodiversidade

Sonhos: de ter educação e saúde diferenciada

Respeito à cultura, etc.

Nós indígenas sentimos como todas as minorias negras, caboclas, etc. Somos felizes de morar em nossas terras; ter nossos rios limpos sem poluição; ter fartura de caça, coleta de frutas e peixes; felizes de morar fazendo nossos rituais, tendo nossas culturas, nossas tradições, costumes...

Porém nos sentimos ameaçados freqüentemente por ter

Nossas terras ainda sem demarcar,

Terras invadidas por questões de interesse pessoais, Saúde ameaçada como, por exemplo: os indígenas do Vale do Javari, com epidemias cada vez piores acabando com essa população; como hepatite A, B, C etc.

A educação indígena diferenciada é esquecida em muitos lugares, não respeitam a legislação que reza na Constituição Brasileira.

A propriedade intelectual, os conhecimentos tradicionais roubados, pirateados, etc., sem conhecimento ou consulta dos povos.

As águas poluídas, os peixes contaminados, etc.

A mudança climática: ex.: o rio, as enchentes bravas ou inundações e muitas secas tão fortes nos dias de hoje.

Não poder ter acesso à participação nos fóruns internacionais (por falta de convite ou dinheiro) onde se discute e se decide sobre os povos indígenas...

**IHU On-Line - Quais têm sido os principais desafios da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, a COIAB?**

Saturnino W. Rudzane’edi - Os principais desafios:

Mudança climática

A água

Conquista do direito na política Nacional e

Internacional.

**IHU On-Line - Quais as características do movimento indígena na Amazônia? Quais as lutas dos povos indígenas na Amazônia hoje? Quais as principais reivindicações?**

**Saturnino W. Rudzane'edi** - A COIAB<sup>1</sup>, está composta por inúmeras organizações, existem as organizações locais e as regionais em toda a Amazônia, as características da COIAB instituição indígena sem fins lucrativos, criada para defender a demarcação de terras, defender os direitos dos povos.

**IHU On-Line - Os índios têm percebido alterações na floresta amazônica, nos rios, lagos, na fauna e na flora da Amazônia ao longo dos anos? O que mais mudou nos últimos tempos?**

**Saturnino W. Rudzane'edi** - Clima  
Extinção de animais de espécies  
Mudanças conjuntura políticas, em nível Nacional e Internacional.

Fora os desmatamentos e queimadas.  
Fauna não respeitada na época de desova.  
Falta de educação para preservar o meio ambiente.

**IHU On-Line - Como o movimento indígena se articula com as bases e com o governo? Como os índios da Amazônia avaliam o governo Lula?**

**Saturnino W. Rudzane'edi** - A COIAB é o movimento indígena e se articula com suas bases através de organização regionais e locais. Também são realizadas assembleias gerais da COIAB com participação das organizações da Amazônia Brasileira.

---

<sup>1</sup> COIAB: Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. Para maiores detalhes, consultar o site [www.coiab.com.br/](http://www.coiab.com.br/). (Nota da *IHU On-Line*)

Por em seguida todas as demandas são avaliadas na assembleia do CONDEF<sup>2</sup> e posteriormente aprovadas as deliberações. Como conquista ou desafio para o movimento indígena organização (COIAB).

O movimento se articula junto com instituições ambientalistas federais e estaduais, indigenista como: CIMI<sup>3</sup>, FUNAI<sup>4</sup>, FUNASA<sup>5</sup>, ISA<sup>6</sup>, IBAMA<sup>7</sup>,GTA<sup>8</sup>, FEPI<sup>9</sup> e outros.

Nos últimos anos o governo Lula tem esquecido e não valorizando o movimento social indígena, também não tem cumprido com as promessas feita durante a campanha de governo anterior. Atualmente esperamos e estamos com esperança na sensibilidade do governo como todo que a política voltada na questão indígena seja executada junto com o movimento indígena organizado.

Finalizando as respostas da entrevista agradeço em nome dos povos indígenas da Amazônia Brasileira o interesse e respeito desta revista na publicação deste texto da fala de líder Xavante do Estado de Mato Grosso e atualmente membro da Coordenação da COIAB.

---

<sup>2</sup> CONDEF: Conselho Deliberativo e Fiscal da COIAB. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> CIMI: Conselho Indigenista Missionário. Para maiores detalhes, consultar o site [www.cimi.org.br/](http://www.cimi.org.br/). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> FUNAI: Fundação Nacional do Índio. Para maiores detalhes, consultar o site [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> FUNASA: Fundação Nacional de Saúde. Para maiores detalhes, consultar o site [www.funasa.gov.br/](http://www.funasa.gov.br/). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> ISA: Instituto Socioambiental (ISA). Para maiores detalhes, consultar o site [www.socioambiental.org/](http://www.socioambiental.org/). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Para maiores detalhes, consultar o site [www.ibama.gov.br](http://www.ibama.gov.br). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> GTA: Grupo de Trabalho Amazônico. Para maiores detalhes, consultar o site [www.gta.org.br/](http://www.gta.org.br/). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> FEPI: Fundação Estadual dos Povos Indígenas. Para maiores detalhes, consultar o site [www.fepi.am.gov.br](http://www.fepi.am.gov.br). (Nota da *IHU On-Line*)

## “O verdadeiro dono é quem ocupa”

ENTREVISTA COM JORGE LUÍS LIMA

*Jorge Luis Lima é agente da Comissão Pastoral da Terra na Amazônia há oito anos, onde desenvolve trabalho com comunidades ribeirinhas. Ele concedeu a entrevista a seguir para a IHU On-Line, por telefone, de sua casa, em Tefé, estado do Amazonas, falando sobre as lutas e anseios da população que vive às margens do Rio Amazonas. Confira:*

**IHU On-Line** - Quais as lutas dos ribeirinhos da Amazônia hoje? Quais suas principais reivindicações?

**Jorge Lima** - Hoje, na nossa região, que está bem no centro do estado do Amazonas, há uma luta muito intensa da organização dos ribeirinhos pela preservação ambiental, dando especificidade na luta pela preservação dos lagos. Uma das maiores reivindicações hoje é que sejam cumpridas as leis que estabelecem as regras ambientais na nossa região.

**IHU On-Line** - Como os ribeirinhos se sentem vivendo na Amazônia?

**Jorge Lima** - Sem dúvida nenhuma, se sentem muito felizes por estar num ambiente tão rico de biodiversidade, tão rico de vida. Eu falo como ribeirinho, porque estou numa cidade que fica na beira do rio, daqui da minha casa estou olhando para o rio. No entanto, a gente se sente muito ameaçado hoje pelo sistema, pela questão da grilagem, da biopirataria, da invasão do latifúndio que está chegando na nossa região. Há esses dois lados. O amazônico se sente muito feliz, por estar num ambiente muito tranquilo, cheio de vida, mas também tem essa outra face, que é a questão da ameaça, do desequilíbrio total do ambiente: chove muito, faz muito sol, coisas que antigamente não existiam.

**IHU On-Line** - Quais têm sido os principais desafios das comunidades ribeirinhas? Como eles se relacionam com os grileiros, os pecuaristas?

**Jorge Lima** - Um dos maiores desafios na nossa região é frear a invasão por parte dos grileiros e dos grandes pecuaristas. Estou falando da questão da infiltração do grande latifúndio na nossa região. Grileiros e ribeirinhos têm uma relação de conflito. Nós, no estado do Amazonas, vemos muitos conflitos, com mortes, tortura de trabalhadores, coisas desagradáveis aos nossos olhos e aos olhos de quem olha pela vida. Nós, que trabalhamos na Comissão Pastoral da Terra, tentamos contornar, temos uma sintonia muito grande com os ribeirinhos.

**IHU On-Line** - No que consistem as ações da CPT em relação aos ribeirinhos e às questões agrárias da Amazônia?

**Jorge Lima** - A CPT aqui na nossa região trabalha apoiando as organizações ribeirinhas e as questões fundiárias, o que é a nossa diretriz, nossa linha de ação. Mas trabalhamos muito ligados às questões organizativas das associações, das comunidades ribeirinhas, porque a partir daí eles vão se fortalecendo e vão conseguindo estar mais agregados aos organismos e adquirindo uma melhor qualidade de vida.

**IHU On-Line – Os ribeirinhos têm percebido alterações na floresta amazônica, nos rios, lagos, na fauna e na flora da Amazônia ao longo dos anos? O que mais mudou nos últimos tempos?**

**Jorge Lima** – Aqui na nossa região é impressionante a seca assustadora, que secou os grandes rios. Percebemos que esse é um fator do desequilíbrio. Os rios, que costumavam estar cheios de água, hoje estão vazios e parte totalmente secos. Essa é uma alteração que vem preocupando a população. Uma outra coisa é a diminuição dos cardumes de peixe. O peixe é alimento básico dos moradores da região amazônica. Essa diminuição dos cardumes também se dá pelo fato da grande exploração para o comércio local e para a exportação.

**IHU On-Line - Como ocorre o processo de ocupação das terras na Amazônia?**

**Jorge Lima** – Essa é uma outra situação conflituosa. Até duas décadas atrás não se ouvia falar em conflito agrário na nossa região, pois havia muita terra e pouca gente. Hoje esse quadro se reverteu. As terras da Amazônia estavam praticamente ocupadas por posseiros que não eram proprietários. Os verdadeiros proprietários, que têm os documentos, estão nas grandes cidades, nos grandes centros e até fora do estado. Hoje, com essa infiltração do grande latifúndio, com a chegada do agronegócio, os grandes proprietários estão despertando para isso e estão voltando para suas propriedades, causando conflitos entre proprietários e posseiros. Nós

temos procurado acompanhar essa situação, para mostrar que os verdadeiros donos são aqueles que ocupam. Só que informalmente. A posse da terra na nossa região deixa muito a desejar ao trabalhador.

**IHU On-Line – Como as comunidades ribeirinhas se articulam com as outras comunidades de base e com o governo? O governo Lula tem auxiliado os ribeirinhos com políticas públicas específicas?**

**Jorge Lima** – As comunidades ribeirinhas se relacionam com as outras comunidades que estão à margem do rio em outros municípios, cada uma lutando pela sua sobrevivência. Nós, dos movimentos, estamos tentando conciliar e agregar valores entre as partes para poder ter um reconhecimento do trabalho dos povos ribeirinhos na região. No meu ponto de vista, o governo deixa muitas coisas a desejar. Não existe nada especificamente para as populações ribeirinhas entre as políticas públicas. Aquelas desenvolvidas na região são as mesmas para todo o País. Porém, na nossa região, muito pouco aparece. Os ribeirinhos constituem uma comunidade muito adversa do restante do País. Aqui se faz de tudo. O povo é agroextrativista, o que inclui a pesca, tiragem de madeiras, agricultura familiar, coleta de castanha, dos óleos, dos cipós. Mas o ponto forte mesmo, que sustenta a maioria das pessoas, é a agricultura familiar.

## Verdades e mitos sobre a Amazônia

ENTREVISTA COM ANTÔNIO DOS SANTOS

*Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line, Antônio dos Santos, professor na Universidade Estadual do Amazonas (UEA), desvendou alguns dos mitos que cercam a Amazônia. Segundo ele, os quatro principais mitos seriam: 1) a Amazônia ser considerada o pulmão do mundo; 2) a floresta ser tão rica a ponto de produzir recursos econômicos contínuos e por longo tempo; 3) a floresta possuir riqueza em produtos madeireiros; e 4) que a floresta tropical está sendo destruída à velocidade de um campo de futebol por segundo. O pesquisador esclarece, ainda, a história que circula pela internet de que a Amazônia não faz mais parte do mapa brasileiro, e questiona o papel das ONGs presentes na região. E enfatiza: “O principal adversário da Amazônia é o desconhecimento a que a região está submetida”.*

*Graduado em Química pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Santos é especialista em Metodologia de Avaliação de Impactos Ambientais pela mesma instituição. É mestre em Limnologia, área de concentração Ecologia e Recursos Naturais e doutor em Ciências, área de concentração em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Entre suas inúmeras atividades profissionais, destacamos: professor orientador do Curso de Pós-Graduação em ensino de Ciências na Amazônia - UEA/ENS, membro permanente Comitê da Bacia hidrográfica do rio Tarumã-Açu, membro titular do Conselho Estadual de Recursos Hídricos do estado do Amazonas, vice-presidente da Organização não Governamental - Fundação para o Ecodesenvolvimento da Amazônia - ECOAMAZÔNIA, com sede em Boa Vista, Roraima. É, também, assessor, consultor e perito ambiental em diferentes projetos de desenvolvimento na Amazônia, além de membro permanente do Comitê das Águas da Fundação Rede Amazônica.*

*IHU On-Line - Quais são os maiores mitos ambientais que envolvem a Amazônia? A questão de que esse ecossistema não faria mais parte do mapa brasileiro é um deles? Qual é o fundamento dessa afirmação que circula, sobretudo, na internet?*

*Antônio dos Santos - O último Censo Agropecuário da FIBGE mostrou que um quinto das áreas alteradas (áreas de floresta primária e secundária e de cerrado), submetidas ao uso agropecuário na Amazônia, estão abandonadas. Essas áreas degradadas estão concentradas no chamado arco do desmatamento. Segundo Alfredo*

Homma<sup>1</sup>, as políticas públicas para a Amazônia devem estar focadas para a recuperação e uso de mais de 60x106 hectares que foram desmatados e que representam a soma dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, o que mostra o potencial agrícola que poderia ser obtido com a aplicação correta de práticas agrícolas e de atividades mais adequadas. Com investimento em tecnologia e insumos básicos esta área poderá produzir em biodiesel o equivalente a 68 milhões de barris/dia, correspondendo a sete vezes a totalidade de petróleo produzido pela Arábia Saudita.

### Mitos e verdades ambientais

Os mitos ambientais sobre a região dizem respeito a: 1) ser ela considerada o pulmão do mundo. Este é um equívoco que vem se espalhando continuamente desde que o Professor Harald Sioli<sup>2</sup>, de tão saudosa memória, disse em uma conferência que a Amazônia poderia ser vista como um pulmão em sentido inverso, isto é, capaz de absorver gás carbônico mais do que produzir oxigênio. Suas palavras foram decodificadas de forma errônea, gerando esse mito que permanece nos discursos de muita gente pelo Brasil afora; 2) a exuberância da floresta, que leva muita gente a pensar na riqueza do solo e, portanto, na capacidade de produzir recursos econômicos de forma contínua e por longo tempo; 3) percepção imprecisa de que a floresta é rica em produtos madeireiros. Na verdade, o que se pode extrair de madeira para fins

---

1 Alfredo Kingo Oyama Homma: agrônomo brasileiro, pesquisador na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro de Pesquisa Agroflorestral da Amazônia Oriental. É autor de, entre outros, *Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e possibilidades*. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1993 e *Amazônia: meio ambiente e tecnologia agrícola*. Belém: Embrapa-CPATU, 1982. (Nota da *IHU On-Line*)

2 Harald Felix Ludwig Sioli (1910-2004): iniciador da ecologia tropical alemã, antigo diretor do departamento de Ecologia Tropical do Instituto Max-Planck de Limnologia em Plön. Iniciou, no começo dos anos 1960, a cooperação com o INPA, que culminou com o Projeto INPA/Max-Planck, que já dura mais de 30 anos, com inúmeros produtos de grande importância para a Amazônia. (Nota da *IHU On-Line*)

econômicos se aproxima dos seis metros cúbicos por hectare; e 4) o discurso do senador americano Albert Gore<sup>3</sup> de que a floresta tropical estava sendo destruída à velocidade de um campo de futebol por segundo. Por outro lado, existem muitas verdades sobre a floresta e que não se mostraram capazes de despertar a consciência nacional, como por exemplo: 1) ela possui a maior biodiversidade do planeta; 2) possui mais de cinco mil espécies de uso medicinal; 3) possui um banco genético com mais de dois milhões de microorganismos; 4) um potencial mineral ainda não determinado em sua totalidade; 5) um potencial hídrico capaz de gerar 100 gigawatts de energia elétrica entre outras.

### Amazônia fora do mapa?

A questão relacionada à supressão da Amazônia do mapa do Brasil deve ser olhada pelo prisma da insatisfação de brasileiros, que vivendo no exterior, não têm conhecimento das lutas e das causas defendidas pelos verdadeiros amazônidas, onde se destacam políticos, pesquisadores, cientistas. Claro que para nós, brasileiros da Amazônia, a tese é absurda. Mas ela foi e continua sendo motivo de diferentes correntes de pensamento dentro e fora do País e vem sendo mostrada ou exposta desde o final da década de 90. Esta idéia nasceu nos EUA a partir de um artigo publicado na revista *Foreign Policy*, escrito pelo professor Juan Enriquez, do Centro David Rockefeller para Estudos Latino-Americanos. Ora, o Professor Enriquez era o

---

3 Al Gore: político norte-americano. Confira no site do IHU, editoria *Notícias Diárias*, o comentário de Luiz Carlos Merten, sobre o documentário *Uma verdade inconveniente*, publicado em 03-11-2006. Em 13-10-2006, reproduzimos uma entrevista com Al Gore intitulada *Este homem quer conter as lágrimas do Kilimanjaro*, também nas *Notícias Diárias*. O Blog do IHU repercutiu, igualmente, o documentário de Gore. Acesse nossa página, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), e confira. (Nota da *IHU On-Line*)



negociador do governo do México no conflito de Chiapas<sup>1</sup>, e isso, ao que parece, teria sido bastante para justificar o medo de que sua tese se tornasse realidade no resto do continente, transformando-se em verdadeira paranóia. Todavia, os movimentos internos e externos, para forçar o governo brasileiro a demarcar terras indígenas em espaços territoriais cada vez maiores, como aqueles dos povos indígenas na Amazônia, projetam a criação do estado independente dos ianomâmis e de outras etnias e merecem uma ampla discussão no cenário político e científico brasileiros. Esta tese foi pela primeira vez discutida no trabalho do professor Arthur Reis intitulado *A Internacionalização da Amazônia*<sup>2</sup>, nos idos da década de 50, no qual são mostrados vieses de uma possível intervenção do espaço físico da Região Amazônia, que compreende nada menos do que seis países (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela). A pergunta é: como se daria essa ocupação?

***IHU On-Line - Tomando em consideração a monocultura, o desmatamento e a criação de gado, quais são os maiores impactos ambientais sofridos pela Amazônia? Quais são as perspectivas para os próximos anos?***

**Antônio dos Santos** - Muito se tem falado sobre a monocultura no espaço amazônico, e esse é um assunto que ainda desperta muitas polêmicas e contradições. De um lado, estão as experiências do complexo do Jarí, do falecido magnata americano Daniel Ludwig, com suas culturas de gemelina, pínus e eucalipto, para suprir sua fábrica de celulose, que mostraram duas coisas importantes: 1) a introdução de espécies exóticas e; 2) a

---

1 Conflito de Chiapas: o site do IHU deu ampla repercussão ao Conflito de Chiapas. Para acessar o material, basta entrar no link Notícias Diárias, e digitar a palavra chave "Chiapas". (Nota da *IHU On-Line*)

2 Arthur Cezar Ferreira Reis. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Nota da *IHU On-Line*)

monocultura. Ambas se inviabilizaram pela forma como foram conduzidas, isto é, sem o conhecimento da complexidade do ambiente amazônico. A segunda experiência, realizada com o cultivo de arroz, também não respondeu ao esperado, devido ao mesmo princípio. Quanto ao desmatamento para criação de gado, os resultados das pesquisas científicas realizadas mostram que a Amazônia, em sua maior parte, não apresenta vocação para a pecuária, a não ser em áreas restritas como a dos campos naturais de Roraima e as áreas de várzea dos rios de água barrenta. Neste caso, há necessidade de avaliar os impactos sobre a ictiofauna (fauna de peixes), base de sustentação protéica das comunidades amazônicas. As perspectivas para os próximos anos deverão passar pelo crivo da pesquisa científica que se avoluma e ganha consistência com a criação das universidades estaduais e particulares e com o fortalecimento das universidades federais sediadas na região, cuja demanda em pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento se expande através da implantação dos cursos da pós-graduação (mestrado e doutorado) e das instituições de pesquisa, a saber: EMBRAPA, INPA e a vigilância ambiental SIPAM no caso do Brasil. Pode-se, ainda, avaliar o caso das instituições de ensino e pesquisa sediadas em outros países amazônicos, dentre as quais se destacam a Universidade Nacional da Colômbia (UNAC), a Universidade Nacional do Peru e Instituto Nacional da Amazônia Peruana, cuja parceria se estabelece com as instituições de ensino e pesquisa brasileiras, através do Tratado de Cooperação do Pacto Amazônico.

***IHU On-Line - Em que medida o Protocolo de Kyoto seria uma forma de minorar os efeitos negativos causados ao ambiente amazônico?***

**Antônio dos Santos** - O Protocolo de Kyoto foi bem assimilado no contexto amazônico, e muito embora seja uma forma de viabilizar através de incentivos a

conservação/preservação das florestas tropicais e tropical-equatorial, há de se levar em consideração que somente uma floresta em crescimento é capaz de absorver gás carbônico da atmosfera. Isso tem criado certos contratempos na negociação da floresta amazônica, uma vez que, estando ela em homeostase<sup>1</sup>, há um balanço entre o que ela produz e consome, através de seu metabolismo. Os recursos do Protocolo poderiam, por exemplo, recuperar as áreas degradadas com a inclusão de culturas perenes, semiperenes e de curta duração, permitindo, assim, um aporte significativo de gás carbônico da atmosfera. Por outro lado, ainda não se conhece com exatidão a emissão de outro gás de efeito-estufa, o gás sulfídrico emanado dos ecossistemas lacustres onde existe uma grande quantidade de biomassa vegetal em decomposição e que, na ausência de oxigênio, libera o gás para a atmosfera. Neste caso, os recursos do Protocolo de Kyoto viriam a dar suporte para as pesquisas sobre os ecossistemas aquáticos, principalmente lagos, hoje estimados em mais de 100 000 na várzea amazônica e onde de modo intempestivo tentam desenvolver a bubalino cultura (cultura de búfalos).

***IHU On-Line - Quais são as possibilidades da se concretizar a previsão de que em 100 anos a temperatura da Amazônia pode subir em 8°C e converter esse ecossistema em cerrado? E quais seriam os impactos ambientais para o Brasil e o mundo?***

**Antônio dos Santos** - Há necessidade de se avaliar esse tempo. É verdade que o oeste paraense, especialmente a região bragantina, e o norte dos estados de Mato Grosso e do Tocantins, nos últimos 50 anos, passaram por sérias

---

<sup>1</sup> Homeostase: propriedade de um sistema aberta, seres vivos especialmente, de regular o seu ambiente interno de modo a manter uma condição estável, mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico controlados por mecanismos de regulação interrelacionados. (Nota da *IHU On-Line*)

agressões ambientais e em algumas áreas foi notório o início do processo de desertificação. Todavia, o ecossistema amazônico tem um potencial de auto-regeneração muito grande, isto é, se deixado em pausa, o sistema de auto-regenera em poucos anos. Por isso, é necessário, em primeiro lugar, estabelecer qual será o tempo igual a zero em que o fato ocorrerá. Para que ocorra esta mutação, é necessário que aconteçam quatro coisas importantes, a saber: 1) cessar as entradas de massas de ar de origem oceânica na bacia amazônica e diminuir a um ponto crítico o efeito da evapotranspiração, fazendo com que haja a diminuição das chuvas; 2) cessar o deslocamento da frente de convergência intertropical que promove, na região equatorial, a distribuição das chuvas; 3) cessar o efeito do aquecimento das águas do Pacífico na costa peruana, principalmente e; 4) que a floresta seja reduzida à pastagem. No caso desses fatos acontecerem, teríamos dois caminhos a seguir, como discutido no encontro realizado na década de 1970 no INPA, com o apoio do Centro de Pesquisas Atmosféricas do Colorado (NCAR). Ou o Brasil e o mundo seriam abalados por enchentes devido ao rápido degelo das calotas polares, com inundação das partes mais baixas (um novo dilúvio) ou o espessamento da atmosfera, devido ao grande volume de gases promoveria um resfriamento global, levando-nos a uma nova glaciação. Entretanto, é necessário que o Primeiro Mundo ou os países do hemisfério norte revejam todos os seus projetos à base de queima de petróleo e carvão para que o planeta possa também se auto-recuperar.

***IHU On-Line - Como a devastação amazônica pode colocar em risco esse potencial hídrico?***

**Antônio dos Santos** - Os riscos ambientais relacionados com a conversão da floresta em pastagem ou cerrado podem ser agrupados em três níveis, ou seja, riscos reais, imaginários e especulativos. Riscos reais:

assoreamento das bacias de drenagem devido ao processo de erosão; 2) mudanças no ciclo hidrológico, devido à diminuição da evapotranspiração, do escoamento superficial e da redução do tempo de residência da água. Riscos imaginários: decorrentes da falta de conhecimento sobre o metabolismo ambiental da região (por exemplo, que a floresta seria o pulmão do mundo e que os solos seriam irreversivelmente laterizados); e Riscos especulativos: modificação climática alterando o regime de abastecimento subterrâneo das bacias de drenagem e mudando drasticamente o regime fluvial.

**IHU On-Line - De que modo a sociedade pode auxiliar a preservar a Amazônia? Você poderia mencionar algumas atitudes práticas que as pessoas poderiam adotar?**

**Antônio dos Santos** - O principal adversário da Amazônia é o desconhecimento a que a região está submetida. Muitos falam da Amazônia, mas poucos a conhecem nas suas entranhas na intimidade de seus ecossistemas, nas peculiaridades de seu metabolismo, nas suas trocas de energia, e isso faz com que o povo brasileiro não tenha uma consciência formada sobre o que ela representa para o Brasil. Por um lado, fala-se da Amazônia ou como a floresta onde estão as tribos ferozes, os canibais, as feras e, ainda, como se ela fosse a região que possui tigres, elefantes, rinocerontes, girafas, hipopótamos e outros bichos. Por outro lado, fala-se dela com o último refúgio da vida natural, o paraíso encantado das mulheres guerreiras, a área onde são devastadas diariamente centenas de hectares da floresta. Muitos supõem que ela e suas cidades ainda são habitadas por índios (sem nenhum demérito aos irmãos de raça) e por cobras grandes capazes de engolir crianças. Outros nem sequer querem visitá-la por medo ou covardia e, desse modo, geram discursos falaciosos sobre a região. Assim, a melhor atitude prática que pode

ser adotada é levar o conhecimento sério, sem meios termos às crianças, adolescentes e adultos, através do processo educativo. Não essa educação de massa que privilegia a quantidade em prejuízo da qualidade, ou da esmagadora bibliografia sobre a região em que os autores desconhecem a região porque nela nunca estiveram, e falam ou escrevem por ouvir falar. Ou porque os livros didáticos não são construídos e embasados a partir do conhecimento científico, porque desprezam as inteligências dos amazônidas da Amazônia, com seus costumes, suas crenças, seu conhecimento tradicional, seus pesquisadores de beira de barranco, ou ainda com aqueles que passam seus dias a observar o movimento das águas dos rios e conhecem, no marolar das ondas dos lagos, qual é o tipo de peixe e o tamanho do cardume que pode ser capturado. Esse manancial de conhecimento só pode ser adquirido por quem vivencia o ambiente amazônico, não de passagem como rota turística, mas na intimidade de suas relações harmônicas.

Quantos livros que retratam a Amazônia falam dela como um organismo harmônico, onde as forças da Natureza se interpolam e se equilibram? Quantos a retratam em suas diferentes conformações, nas quais o conhecimento dos rios, furos, igarapés e lagos ou lagos de ria é importante como meio de transporte? Quantos falam do aproveitamento das várzeas dos rios de água barrenta para a produção de alimentos ou reprodução da fauna? Quantos falam do caboclo amazônida a entender o pulso das águas para poder viver as grandes cheias? Quantos relatam a epopéia do homem amazônico, esquecido pelo poder público e escondido nas barrancas dos altos rios, mas que conserva o sentimento de cidadania enclausurado em seu íntimo, e que é capaz de remar, por dias seguidos, vencendo as adversidades do meio, pelo prazer de votar, pois acha que é um dever de cidadão? É preciso ensinar que na Amazônia existe uma etno-antropo-diversidade com uma pluralidade de

línguas, costumes e valores que se individualizam e se diferenciam em função do espaço, rio e valores ancestrais.

### ***IHU On-Line* - Quais são as medidas governamentais e de ONGs que estão sendo tomadas para conter a deprecação da Amazônia?**

**Antônio dos Santos** - Nesse momento da vida nacional, a Amazônia tem sido foco de muitos discursos que, na maioria das vezes, trazem palavras que se esvaziam com o decorrer do tempo. Todavia, para que as medidas de governo sejam eficazes para a região, é necessário que os governantes tenham contato mais direto com a realidade amazônica. Nós últimos 50 anos apenas um presidente e um candidato a presidente sentiram as necessidades e os problemas das populações. O primeiro foi o presidente Castello Branco<sup>1</sup> e o segundo o presidente Luis Inácio Lula da Silva, na qualidade de candidato ao maior cargo mandatário do País. Ora, se se conviver com as realidades apenas ouvindo falar através dos diversos peticionários políticos, sem vivência na região, é quase impossível determinar políticas públicas que garantam o desenvolvimento e a felicidade dos povos da Amazônia e do Brasil que se firmem a longo prazo. Talvez por isso as medidas governamentais apenas focam pequenos nichos da grande Amazônia, quase sempre voltados para o capital, sem levar em consideração

---

<sup>1</sup> Humberto de Alencar Castello Branco (1900-1967): militar e político brasileiro, presidente da república designado após o Golpe Militar de 1964. Nomeado chefe do Estado-Maior do Exército por João Goulart em 1963, Castello Branco foi um dos líderes do Golpe de Estado de 31 de Março de 1964, que depôs Goulart. Eleito presidente pelo Congresso, assumiu a presidência em 15 de abril de 1964, e ficou no posto até 15 de março de 1967. Durante seu mandato, Castello Branco desmantelou a esquerda do Congresso e aboliu todos os partidos. Foi sucedido pelo seu ministro de Guerra, Marechal Costa e Silva. (Nota da *IHU On-Line*)

outros anseios das comunidades regionais. Por exemplo, a demanda por madeira no mundo é uma realidade, e isso tem conduzido à exploração irracional de grande porte, empobrecendo a floresta, descapitalizando-a e, mesmo assim, os governos ainda não despertaram para a necessidade premente de aplicação do que prescreve o Código Florestal Brasileiro. Não há exigência do reflorestamento e mesmo nos projetos ditos de exploração sustentada o que se vê é a prática da rebrota natural. Em outros casos, as grandes madeireiras se transferem de dono sem que haja uma fiscalização por parte do governo, no que diz respeito ao monitoramento das ações propostas nos planos de manejo florestal, induzindo, desse modo, a retirada sem controle da madeira fora de seus empreendimentos.

### **Reavaliação das ONGs**

Quanto às ONGs, algumas são direcionadas para fazer lastro de conhecimentos sobre a região, mas muitas delas, como tem sido mostrado, são organizações acobertadas por interesses difusos comandadas por forças exógenas e mantidas com capital internacional, sem prestar nenhum serviço à região, ao Brasil e nem aos residentes na região. Como o território é vasto e em alguns locais de difícil acesso, o poder público não tem como realizar um controle sobre suas atividades e, nesse caso, quem sabe caberia aos Ministérios Públicos Federal e Estadual, na qualidade de guardiões da integridade do patrimônio nacional, juntamente com as Forças Armadas, realizarem uma grande avaliação sobre a presença dessas organizações na Amazônia. O que delas se conhece é que estão travestidas de defensoras da floresta, dos índios, e só aparecem quando a ganância dos exploradores extrativistas promovem casos de violência como o acontecido, recentemente, no Pará.

## “Preocupação com desertificação amazônica é precoce”

ENTREVISTA COM BRUNO PAGNOCCHESCHI

*Responsável por 1/5 da água derramada no oceano por todos os rios do planeta, a Bacia Amazônica tem um potencial hídrico imenso. O Rio Amazonas tem mais de sete mil afluentes, além de 25 mil km de vias navegáveis. E, avaliando as conclusões levantadas pelo Relatório do IPCC, o diretor da Agência Nacional de Águas (ANA), Bruno Pagnoccheschi, acredita que a preocupação com a desertificação da Amazônia é precoce.*

*Pagnoccheschi é engenheiro civil pela Universidade de Brasília (UNB), pós-graduado em Hidráulica e Saneamento pela Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP). Atua na administração pública, na área de recursos hídricos e meio ambiente há trinta anos, tendo ocupado diversos cargos, dos quais se destacam coordenador de Planejamento da Divisão de Controle de Recursos Hídricos do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DCRH/DNAEE) e diretor da Secretaria de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente (SCA/MMA). Atualmente é diretor da ANA (site [www.ana.gov.br](http://www.ana.gov.br)).*



**IHU On-Line** - Quais são os principais problemas que podem ocorrer no sistema hídrico amazônico, tomando em consideração as conclusões apontadas pelo relatório do IPCC?

**Bruno Pagnoccheschi** - Os cenários traçados pelo IPCC apontam para um aumento gradual da temperatura em todo o planeta, com possibilidade de impactar a cobertura vegetal da Amazônia, em especial as florestas. Esse cenário pode trazer alterações na evapotranspiração, na infiltração da água no solo e no escoamento superficial, alterando, conseqüentemente, as vazões dos rios. No entanto, não há simulações quantitativas sobre como esse impacto se dará e com que intensidade. É possível que a região passe a conviver com períodos mais freqüentes e severos de estiagem e de cheias. É preciso esclarecer, no entanto, que, mesmo sem a hipótese das mudanças climáticas, a variação

hidrológica já é expressiva na região. Os eventos de estiagem e de cheias observados na Amazônia no período histórico de mais de 70 anos nos mostram que devemos ter prudência com relação a atribuir, em princípio, as variações observadas à teoria do aquecimento global. Cito como exemplo o fato de que os níveis mais severos, sejam de vazantes ou de cheias, foram observados em épocas em que sequer se discutiam alterações climáticas globais.

**IHU On-Line** - O relatório do IPCC aponta para a desertificação ou savanização da Amazônia. Há possibilidades concretas de isso ocorrer?

**Bruno Pagnoccheschi** - Não tenho informações objetivas sobre esse tema. É certo que, se as hipóteses que estão sendo formuladas sobre as mudanças climáticas se confirmarem haverá, no longo prazo,

impactos na vegetação e no regime de chuvas. No entanto, a forma e a intensidade de como essas alterações acontecerão não constituem consenso entre os cientistas. É preciso ter presente que não apenas as mudanças climáticas ameaçam o ecossistema amazônico. A mudança do uso do solo, provocada pelo desmatamento indiscriminado e pelo avanço da fronteira agrícola que vêm ocorrendo hoje naquele bioma, já vem causando efeitos preocupantes, em especial nas áreas limítrofes da Amazônia com outros biomas. Se equacionarmos, a partir de agora, as questões referentes à exploração sustentável da Amazônia, estaremos, sem dúvida, contribuindo para que essas projeções de longo prazo não se concretizem ou que, pelo menos, sejam mais administráveis.

***IHU On-Line - A Bacia Amazônica representa 1/5 da água derramada no oceano por todos os rios do planeta. O rio Amazonas tem mais de 7 mil afluentes, e possui 25 mil Km de vias navegáveis. Como esse potencial hídrico pode ser aproveitado em equilíbrio com a preservação ambiental?***

**Bruno Pagnoccheschi** - Penso que os rios amazônicos são, em essência, excelentes meios de transporte. São caudalosos em sua maioria e sua utilização como meios de locomoção faz parte da cultura regional. Além disso, hoje se articulam com outras formas de transporte, servindo como escoadouro de parte da produção agrícola não só da região, mas também do Centro-Oeste. A hidrovia do rio Madeira, por exemplo, responde pelo transporte de cerca de 30% dos grãos produzidos no Estado do Mato Grosso, com a vantagem de poder carregar navios graneleiros intercontinentais que trafegam do Rio Amazonas à Europa e Ásia. Os impactos dessa atividade são limitados e podem ser equacionados sem maiores problemas, ao menos no que se refere aos recursos hídricos. Não se comparam, por exemplo, com a abertura de estradas, que acabam resultando em pressão

sobre a ocupação das terras laterais ou sobre recursos naturais da região, nem sempre em condições sustentáveis. O papel do poder público, nesse particular, será arbitrar para que os outros usos da água, inclusive o de geração de energia, não inibam esse potencial. Nesse contexto, a elaboração de planos de recursos hídricos para as bacias hidrográficas da região são essenciais. A ANA está preparando a elaboração de planos integrados dos afluentes da margem direita do rio Amazonas, onde será aplicada Metodologia Multicritério, de forma a possibilitar a compatibilização dos múltiplos usos da água.

***IHU On-Line - Dentre as atividades econômicas exercidas na região amazônica, qual delas representa mais riscos às suas águas? A ANA desenvolve algum programa de conscientização junto às comunidades amazônicas e aos empresários para a preservação das águas?***

**Bruno Pagnoccheschi** - De uma maneira geral, as grandes cidades da região apresentam problemas de poluição hídrica semelhante às cidades localizadas em outras regiões. São, no entanto, problemas localizados e circunscritos às periferias urbanas. Para esses casos, a ANA vem estudando adaptar seu programa de despoluição de bacias hidrográficas, o PRODES, no atendimento dessas necessidades. Na verdade, trata-se de um programa que financia, parcialmente, estações de tratamento de esgoto, de forma associada a avanços na gestão de recursos hídricos. O programa também inova na forma do financiamento, permitindo acesso aos recursos apenas após a conclusão da obra. Os recursos nem sempre são suficientes para atender toda a demanda, mas temos nos empenhado em ampliá-los. Além disso, há, no âmbito do Ministério das Cidades, programas específicos voltados à melhoria das condições sanitárias dos municípios brasileiros, que, é certo, têm aplicações voltadas à Amazônia. Há, ainda, problemas

hídricos decorrentes do desmatamento desordenado, das queimadas e das atividades de mineração e garimpo, que invariavelmente implicam em impactos nos rios da região. Para esse conjunto de atividades, tem sido fundamental a participação da área ambiental dos estados e do próprio IBAMA, coibindo essas atividades ou exigindo adequações para sua continuidade. Cabe aqui comentar que a ANA vem desenvolvendo uma ação indutora de boas práticas num conjunto de atividades empresariais. Recentemente produzimos, em conjunto com o Instituto Brasileiro de Mineração, um documento que examina a atividade a partir dos pressupostos da gestão de recursos hídricos, o que representa um esforço no sentido de disciplinar, a partir de exemplos e de informações específicas, uma atividade que potencialmente é muito impactante, em especial na Amazônia.

***IHU On-Line - A iniciativa de criar o Sistema Brasileiro de Alerta Precoce de Seca e Desertificação para o semi-árido brasileiro, tema de um workshop que aconteceu em 8 e 9 de fevereiro na sede do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos (SP), poderia ser aplicada à Amazônia? Que avanços isso traria?***

**Bruno Pagnoccheschi** - Em termos. Até onde estou informado, há um grupo de trabalho formado por órgãos de recursos hídricos e meio ambiente, além da participação do INPE, do CPTEC e da ANA, que discutiu, nesse evento, o tema da desertificação. O grupo espera elaborar estudos sobre alertas de seca e de desertificação ao longo dos próximos dois anos e estabeleceu, como estratégia, envolver comitês de bacia, prefeituras etc. para disseminação da discussão sobre o tema. No caso da Amazônia, penso que é precoce a preocupação com desertificação. Não há sinalizações que indiquem, com alguma precisão, como esses processos se desenvolverão. No entanto, vale a pena a

preocupação com as estiagens. Essas ocorrem regularmente, causando prejuízos e transtornos para as populações ribeirinhas. Para isso, temos nos empenhado em obter dados hidrológicos cada vez mais confiáveis. Temos também emitido boletins sistemáticos de alerta de vazantes e de cheias, oferecendo previsões para os estados, municípios e para os sistemas de defesa civil. Essas ações, no entanto, precisam ser incrementadas, seja do ponto de vista das medições hidrométricas, seja do ponto de vista dos sistemas de transmissão de dados. Com isso, teríamos condições de oferecer informações mais precisas e com mais antecedência, para benefício das populações ribeirinhas e das condições de produção e transportes da região.

***IHU On-Line - Jerson Kelman, há dois anos à frente da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), em entrevista ao jornal Valor, em 03-01-2007, disse que é preciso avançar sobre a Amazônia para garantir o abastecimento energético brasileiro no futuro. Ele rebate a tese de que isso pode acentuar a devastação de florestas e cobra mais responsabilidade do movimento ambientalista, sobretudo de organizações não-governamentais. Essa visão não põe em risco o futuro desse ecossistema? Até que ponto o desenvolvimento do potencial hídrico tem a ver com a tragédia vivida pela Amazônia? Segundo Kelman, "o percentual de florestas a ser desmatado para a construção de hidrelétricas é absolutamente insignificante". Qual é a sua opinião?***

**Bruno Pagnoccheschi** - O Dr. Jerson Kelman é um dos mais competentes especialistas brasileiros em recursos hídricos e em energia. Foi o primeiro diretor-presidente da ANA e é o atual diretor-geral da ANEEL. Sempre defendeu suas teses com argumentos claros e fundamentação científica. Na entrevista referida, ele declarou que o percentual de desmatamento de florestas para construção de hidroelétricas é insignificante, se

comparado com o desmatamento ali praticado desde a década de 1980, voltado à extração de madeira para introdução de pecuária e para o plantio de soja, o que é absolutamente verdadeiro. De acordo com o setor elétrico, o Brasil poderia gerar cerca de 50 GW, nas próximas décadas, inundando uma área aproximada de 30 mil km<sup>2</sup> da Amazônia. Esse incremento de produção de energia significa cerca de 69% da energia atualmente gerada e beneficiaria milhões de brasileiros em todo o país. Para se comparar, a ocupação desordenada da Amazônia já produziu um desmatamento superior a 540 mil km<sup>2</sup>, no período 1977-2005, com benefícios coletivos discutíveis, e sem que isso tenha representado um diferencial em termos de desenvolvimento da região. O que precisa ser acrescentado a esse debate é a forma como as diferentes intervenções no espaço amazônico vão se dar nos próximos anos. No passado, a implantação de projetos hidrelétricos na região não atentou para os impactos indiretos, decorrentes das ondas migratórias e da acelerada dinâmica que as obras induziram. Hoje, penso que há condições de se programarem essas intervenções com menores custos ambientais e sociais, incluindo esses fatores como componentes de um projeto maior de inserção regional.

#### **Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos**

Aproveito a oportunidade para me referir ao fato de que estamos comemorando, neste ano, os dez anos de promulgação da Lei 9.433/97, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos e criou o Sistema Nacional

de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Essa lei, juntamente com outras que se seguiram, foi determinante para o atual patamar em que se encontra a gestão de recursos hídricos no país. Hoje, temos mais de uma centena de comitês de bacias instaladas em rios de dominialidade da União e dos estados. Além disso, já exercemos a cobrança pelo uso dos recursos hídricos na bacia do rio Paraíba do Sul e na região compreendida pelas bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá. Em ambos os casos, encontram-se credenciadas instituições que desempenham o papel de agências de águas, aplicando os recursos provenientes da cobrança em ações de promoção da qualidade dos rios. Os sistemas de outorga e de fiscalização dos recursos hídricos vêm sendo implementados em todo o país, com o apoio da ANA e encontra-se em desenvolvimento o Sistema Nacional de Informações sobre Recursos Hídricos, que subsidiará os processos decisórios dessa área em nível nacional. Nosso país é extremamente complexo e diverso, o que exige diferentes abordagens e iniciativas. Nesse sentido, cabe também mencionar a existência do Plano Nacional de Recursos Hídricos, esforço de coordenação da Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, aprovado no ano passado pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos e que começa agora a ser implementado, com o apoio da ANA, dos estados e das instituições da sociedade. Temos, enfim, um arcabouço legal, normativo e institucional à altura de nossa complexidade hídrica e regional e podemos fazer a diferença, no rumo da construção de um desenvolvimento efetivamente sustentável.



# Os fatores do desmatamento na Amazônia

ENTREVISTA COM ANE ALENCAR

*Ane Auxiliadora Costa Alencar é graduada em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). cursou mestrado em Environmental Remote Sensing And Gis pela Boston University, Estados Unidos. Atualmente, é pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM). Possui experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física. Atua abordando os temas conservação da Amazônia, modelagem espacial, mapeamento de incêndios florestais, sensoriamento remoto, degradação florestal e estatística espacial. Por e-mail, ela afirmou à IHU On-Line que “os principais agentes do desmatamento nos últimos seis anos têm sido a expansão do cultivo de grãos e da pecuária, além da grilagem de terras e da melhoria de infra-estrutura de transporte”. Confira essas e outras informações na entrevista que segue.*



**IHU On-Line** - Como funciona o mapeamento de incêndios florestais e o que ele tem demonstrado a respeito da Amazônia? Como o mapeamento auxilia na conservação desse ecossistema e que outras técnicas têm sido utilizadas?

**Ane Alencar** - O mapeamento de incêndios florestais é feito com base na classificação de imagens do satélite Landsat. Os sensores TM e ETM, a bordo dos satélites Landsat 5 e 7, respectivamente, conseguem diferenciar as marcas deixadas pelo fogo de superfície em florestas da Amazônia. Esta diferenciação é possível, pois estes sensores conseguem capturar a diminuição na proporção de biomassa/necromassa decorrentes do fogo, assim como a redução da quantidade de água no interior da floresta. Essas mudanças geram uma resposta espectral que pode ser detectada em imagens Landsat até, no máximo, um ano após o fogo. Este mapeamento é importante, à medida que pode indicar as áreas florestais que já estão degradadas e são susceptíveis a futuros incêndios.

É bom lembrar que os incêndios florestais na Amazônia não são eventos comuns - pelo menos considerando a história recente da região. Se a floresta não sofrer nenhuma interferência humana direta como, por exemplo, uma exploração seletiva de madeira ou aumento da fragmentação florestal devido ao desmatamento, ela não pega fogo, a não ser em casos de eventos climáticos extremos, como aconteceu em Roraima, devido ao El Niño de 1997/1998 e, mais recentemente, no Acre em 2005. Ainda assim, esses incêndios só aconteceram porque a fonte de ignição foi humana. Entretanto, esta resistência da floresta ao fogo está sendo reduzida pela intensificação das atividades econômicas na região, ligadas à intensa exploração seletiva de madeira e ao desmatamento. Alguns cientistas acreditam que o risco do aumento da frequência e intensidade desses incêndios na região pode levar a uma mudança na estrutura e composição da floresta, favorecendo o estabelecimento de plantas mais adaptadas ao fogo. Outras técnicas de monitoramento e

mapeamento de fogo na região utilizam sensores termais que, baseados na detecção de altas temperaturas da superfície da terra, indicam a ocorrência de fogo. Estes sensores, como o AVHRR e MODIS Terra ou Aqua, cobrem com maior frequência a região e conseguem capturar atividades diárias de fogo. Contudo, tais sensores têm limitações no que diz respeito à distinção do tipo de fogo capturado e à definição mais precisa da área queimada. Eles são muito eficazes para indicar a ocorrência de fogo fora da floresta como, por exemplo, o fogo utilizado para a manutenção de pastagens e áreas agrícolas, assim como também aqueles utilizados para queimar a biomassa florestal logo após a derrubada (desmatamento). Infelizmente, mais estudos precisam ser feitos para adaptar o uso destes sensores de alta frequência temporal para a detecção de incêndios florestais, principalmente os de superfície.

***IHU On-Line* - Estatísticas indicam que cerca de 14% da Amazônia já foi destruída. Qual é o impacto dessa destruição frente ao que resta do ecossistema?**

**Ane Alencar** - Na realidade, até 2006, aproximadamente 18% da cobertura florestal da Amazônia já foi desmatada. O impacto da derrubada de florestas nativas pode afetar o clima tanto local quanto regional. Dependendo da extensão contígua da área desmatada, a mudança da cobertura florestal para outro tipo de uso do solo tem impacto na quantidade de radiação que é absorvida e emitida. Sem a floresta a superfície fica mais quente, o que, dependendo do tamanho da superfície desmatada, pode ter impacto direto na formação de nuvens e, por conseguinte, na diminuição da ocorrência de chuvas. Grandes desmatamentos ao longo dos rios também influenciam no sistema fluvial da região. O assoreamento de rios é o mais conhecido dentre os efeitos do desmatamento na dinâmica dos rios.

## **Desmatamento**

Além disto, existe a influência direta do desmatamento no escoamento superficial, podendo causar cheias muito intensas. Não posso deixar de mencionar o impacto que ele gera no que diz respeito à perda de uma riqueza ainda pouco explorada, que é a biodiversidade da floresta Amazônica. Também não posso esquecer do povo da floresta, daqueles produtores que vivem de produtos florestais madeireiros e não-madeireiros, os quais, sem sua principal fonte de recursos naturais, perdidos em razão do desmatamento, tendem a migrar para os grandes centros urbanos ou migrar para áreas de fronteira agrícola, onde a disputa pela terra e recursos é grande e violenta. O desmatamento é ainda a principal fonte de emissão de gás carbônico do Brasil, contribuindo diretamente para o processo do aquecimento global.

***IHU On-Line* - Os ambientalistas alegam que o desmatamento da Floresta Amazônica está contribuindo para o aquecimento global. É possível estabelecer uma relação direta entre esses dois fatores? E as queimadas, como se situam nessa questão?**

**Ane Alencar** - O Brasil está entre os dez países que mais emitem gás carbônico, que é subseqüentemente liberado para a atmosfera. Este gás representa um dos principais gases que promovem o efeito estufa e que levam ao aquecimento do planeta. Em torno de 75% das emissões nacionais são decorrentes de queimadas e desmatamento. A contribuição da queima de florestas brasileiras para as emissões de gases que promovem o aquecimento global é inegável. Além disso, a diminuição da área florestal através do desmatamento gera, por conseguinte, um menor consumo de gás carbônico pela floresta.

***IHU On-Line - Atualmente, quais seriam os principais fatores responsáveis pela destruição da Amazônia? O que pode ser feito a curto prazo para amenizar a situação? A médio e a longo prazo, quais são as chances de se reverter o estrago que já foi feito?***

**Ane Alencar** - Os principais agentes do desmatamento nos últimos seis anos têm sido a expansão do cultivo de grãos e da pecuária, além da grilagem de terras e da melhoria de infra-estrutura de transporte. Estes quatro fatores estão interligados e têm tido maior ou menor peso dependendo da região. No Mato Grosso, que até 2005 ocupava o posto de estado brasileiro com maior taxa de desmatamento, sem dúvida a expansão do cultivo de grãos, principalmente de soja, promoveu direta e indiretamente o desmatamento. Diretamente, grandes áreas localizadas, sobretudo a leste do Parque Indígena do Xingu, foram convertidas de floresta para campos de soja. Assim, indiretamente, áreas desmatadas anteriormente utilizadas como pastagem para o gado foram substituídas por cultivos agrícolas, criando o incentivo para o desmatamento de novas áreas para a formação de pastos, com o intuito de comportar os rebanhos que foram “desabrigados” pela soja.

A expansão do agronegócio também reflete no aumento do desmatamento em áreas de fronteira agrícola, como muitas regiões no oeste do Pará e no sul do Amazonas. O lucro gerado por estas atividades, associado ao aumento do preço da terra também, devido aos altos investimentos proporcionados pelo agronegócio, tem incentivado a compra de terras em áreas de fronteira agrícola. Entretanto, muitas dessas áreas adquiridas na região de fronteira têm documentação ilegal e são negociadas com grileiros que, para demonstrar sua propriedade, desmatam grandes áreas e as abandonam posteriormente. O processo de especulação imobiliária, promovida por grileiros nas regiões de fronteira agrícola da Amazônia, está intimamente associado à melhoria da infra-estrutura de transporte como, por exemplo, a

abertura ou pavimentação de rodovias. Só o anúncio de pavimentação da BR-163, conhecida como Cuiabá-Santarém, desencadeou uma onda de especulação imobiliária e desmatamento, que se acredita ter sido amenizada com a ação do governo Federal, através da criação de mosaicos de Unidades de Conservação e de um Distrito Florestal. Atitudes como essa, na qual o governo mostra sua força e sua presença como agente regulador e executor, são importantes para, a curto prazo, diminuir o desmatamento ilegal.

### **O papel dos consumidores**

A médio e a longo prazo, é importante incentivar os agricultores e pecuaristas da Amazônia a produzirem dentro da lei, mas, para isso, será preciso que o mercado exija padrões de boas práticas na produção. Esta espécie de certificação tende a influenciar positivamente a prática produtiva, assim como engajar produtores num processo de recuperação dos danos ambientais proporcionados por suas práticas no passado. Nós, como consumidores, temos um papel fundamental neste sentido, pois podemos cobrar do mercado (compradores, indústrias, fornecedores) uma melhor qualidade socioambiental no processo de produção do que estamos consumindo.

***IHU On-Line - A melhoria da qualidade ambiental do país depende também de uma mudança cultural por parte da população. Qual é o papel da sociedade civil na mudança de rumo na condução da questão ambiental?***

**Ane Alencar** - A sociedade urbana do Brasil, que representa grande parte da população do nosso país, pode ser muito importante na condução da questão ambiental, principalmente quando ela começar a reagir cobrando melhor qualidade socioambiental dos produtos e exigindo do Estado Brasileiro mais empenho no combate ao desmatamento ilegal - aquele desmatamento

improdutivo ou que ultrapassa os limites previstos pelo Código Florestal. Acho importante frisar que não sou a favor do desmatamento zero na Amazônia, pelo simples fato de achar isso impossível. Temos que entender que alguns produtores da região precisam desmatar para continuarem produzindo. Entretanto, sou extremamente contra o desmatamento desnecessário ou aquele que vai contra a lei. Além disto, grande parte das áreas que já foram desmatadas na região encontra-se hoje em estado de abandono ou degradadas. O aproveitamento de tais áreas poderia impactar significativamente na redução das taxas de desmatamento.

***IHU On-Line - Como o governo Lula conduziu a questão ambiental no primeiro mandato? E quais são as perspectivas sobre o assunto para a gestão que inicia?***

**Ane Alencar** - Esta é uma questão complexa. O governo como um todo tem que decidir o que quer para a Amazônia. O Ministério do Meio Ambiente tem se esforçado bastante para promover um processo de revolução no que diz respeito ao tipo de desenvolvimento que atinja positivamente os moradores da região e que respeite os recursos florestais da Amazônia. Suas conquistas, apoiadas pelo presidente, têm sido um grande investimento no planejamento e na definição das áreas que devem ser dedicadas a proteção e ao uso sustentável. Entretanto, o Governo Lula também se sente pressionado por outros setores que vêem a Amazônia somente como uma fonte de recursos naturais e que não consideram que a população amazônica mereça receber os benefícios destes recursos. Esses setores pregam um modelo de desenvolvimento baseado na exploração dos recursos naturais com baixa geração de impostos, exploração da mão-de-obra local e concentração de renda e terra, aumentando a desigualdade social na região e, por conseguinte, a degradação ambiental.

***IHU On-Line - De que forma o país tem se preparado para prevenir ou remediar questões ambientais como as que afloram atualmente (efeito estufa, cheias, secas, etc)?***

**Ane Alencar** - Minha avaliação é que o Brasil, assim como muitos países do mundo, ainda não está preparado para enfrentar eventos climáticos extremos. Infelizmente, parece ser da natureza humana o fato de só pensarmos em nos preparar depois que acontecer algo. Investimos pouco em prevenção. No entanto, o Brasil começou a pensar e aceitar o fato de que pode diminuir seu papel na emissão de gases do efeito estufa. Isto já é um começo. A recente posição do Governo Brasileiro em lutar pela criação de mecanismos internacionais, que financiem o desmatamento evitado, parece ser uma sinalização das intenções do nosso país em relação a este tema.

***IHU On-Line - Qual é sua avaliação com relação às grandes obras projetadas para a região, como a estrada Manaus-Porto Velho? Que conseqüências tais empreendimentos podem causar?***

**Ane Alencar** - Obras de infra-estrutura são sempre difíceis de se avaliar. Acredito que se uma obra de infra-estrutura é necessária, devendo beneficiar diretamente a população local e evitar grandes danos ao meio ambiente no qual esta população vive. Dentro deste contexto, esta será uma obra de pouca polêmica e que terá o apoio da sociedade. Minha impressão é que a rodovia Manaus Porto-Velho é uma obra desnecessária, pois vai abrir uma área para expansão e para a grilagem em prol de poucos. Por que não pavimentar então a Transamazônica no Pará? Este investimento em infra-estrutura, sim, beneficiaria a população local e a milhares de produtores da região, que sofrem com as péssimas condições da rodovia, principalmente no período chuvoso.

**IHU On-Line - Quais seriam as alternativas para o desenvolvimento da Amazônia sem causar tantos impactos ao meio ambiente? O desenvolvimento sustentável ainda tem chances de se tornar realidade?**

**Ane Alencar -** Qualquer desenvolvimento que proporcione poucas mudanças nos ecossistemas da região e melhore a qualidade de vida da população que vive hoje na Amazônia seria o mais apropriado para a região.

Não adianta ter estradas para todos os lados e grandes áreas desmatadas, se grande parte da população, que depende da floresta para sobreviver, estará na periferia das poucas cidades, fomentando o aumento da violência e da pobreza. A palavra sustentável para mim é utópica, mas não significa que não podemos deixar de usá-la. Ela expressa esse desejo de maior justiça social, econômica e ambiental.

## “Educação ambiental é o único caminho”

ENTREVISTA COM HUELITON DA SILVEIRA FERREIRA

*A entrevista a seguir foi concedida por e-mail pelo geógrafo Hueliton da Silveira Ferreira, analista ambiental do IBAMA. Nela, entre outros aspectos, Ferreira analisa as dificuldades do IBAMA em monitorar a Amazônia. Segundo ele, “a educação ambiental é o único caminho para impossibilitar o agravamento do colapso vivido nos dias de hoje, pois prega, acima de tudo, uma mudança de comportamento e de hábitos que melhorem nossa relação com os temas ambientais”.*

*Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Ferreira atua principalmente em estudos de socioeconomia e com questões diretas de Educação formal e não-formal em zona rural e Educação Ambiental, além de Plano de Manejo para uso sustentável dos recursos naturais por populações tradicionais extrativistas na região do Alto-Solimões. Outras atividades que desenvolve são a fiscalização e o monitoramento de Unidades de Conservação. Tem experiência na área de Geografia Cultural e Antropologia, com ênfase em Antropologia Cultural e Antropologia Urbana.*

**IHU On-Line -** Quais são os maiores obstáculos e as reais condições que o IBAMA tem em monitorar um ecossistema como a Amazônia, geograficamente imenso com locais de difícil acesso?

**Hueliton da Silveira Ferreira -** Para ser bem realista, o IBAMA possui dificuldades de monitorar mesmo as áreas com acesso menos difícil. Refiro-me, sobremaneira, às

unidades próximas a Manaus, no caso do Amazonas. Já os locais de difícil acesso, que são muitos, ficam a maior parte do tempo sem qualquer cobertura quanto às atividades realizadas em seu interior e entorno. Além da falta de servidores nas áreas de difícil acesso, os poucos servidores lotados nestas unidades ainda têm um grande obstáculo, que é a falta de equipamentos para

deslocamento rápido, tendo em vista a imensidão geográfica dessas áreas e os pouquíssimos recursos de transporte e comunicação.

Uma realidade de muitas dessas áreas pode ser visualizada na própria logística de deslocamento para mesmo se chegar até elas. Na sua maioria, o acesso precisa ser por avião para uma cidade próxima, que geralmente fica a dois dias de barco, e em seguida a única forma de acesso é contar com a ida regular de embarcações que levam cargas e passageiros. Para outras unidades, os vôos a essa cidade “próxima” não são feitos por nenhuma empresa de transporte aéreo, e têm que ser fretados.

### **Monitoramento e proteção**

Percebe-se claramente que a logística para as atividades se torna onerosa e demanda uma outra relação com o espaço e com o tempo, pois as distâncias a serem percorridas são grandes e os meios de deslocamento são lentos. Tenho percebido neste trabalho em áreas bem distantes e de difícil acesso que a presença do IBAMA, em muitos casos, acaba sendo a presença do Estado, pois as populações dessas áreas são quase que totalmente desassistidas. Dessa forma, as pessoas nos procuram para procurar orientações sobre os mais diversos assuntos, como por exemplo, questões de conflitos por posse de terras e até programas do governo federal que são mal administrados pela prefeitura.

De um modo geral, essa atividade de monitoramento e proteção, mais conhecida como “fiscalização”, que dentro do IBAMA tem como objetivo garantir que os recursos naturais do país sejam explorados racionalmente, em consonância com as normas, padrões, diretrizes e regulamentos estabelecidos para a sua sustentabilidade, visa a diminuir a ação predatória de alguns grupos sobre os ecossistemas.

Mesmo com muitos obstáculos, algumas questões tiveram avanço satisfatório. A fiscalização do IBAMA vem

ganhando em qualidade com a utilização de novas tecnologias como o sensoriamento remoto, imagens de satélites, localização georeferenciada e sensores aerotransportados. As ações têm sido planejadas com antecedência e direcionadas aos locais detectados por esses instrumentos. Outro avanço muito importante que se relaciona a essa atividade fiscalizatória é que vem se buscando também a implementação de uma política de fiscalização mais educativa e menos punitiva.

### **Tarefa difícil**

Quanto ao monitoramento em campo, somos responsáveis diretos pelas unidades de conservação federais, que no Amazonas somam cerca de 10% do território do estado, com os dados atualizados até 2006. Outras áreas importantes são de responsabilidade da FUNAI (em grande parte) e do INCRA (PA's, PDS, PAE e PAFs). Esse ano foram investidos mais de R\$ 5 milhões para equipar UCs com meios para aprimorar o monitoramento/fiscalização em campo. Infelizmente, nem todas as UC receberam recursos do ARPA e do CCA/PPG7.

O fluxo de produtos florestais pode ser agora monitorado em tempo real com a entrada em operação do sistema DOF. Falta os analistas conhecerem e saberem usar as possibilidades desse novo sistema. A dificuldade de acesso é uma barreira para o IBAMA. Mas essa dificuldade é uma barreira para todos. Não é à toa que a região do médio e alto Solimões continua praticamente intacta em termos de desmatamento. Assim, o que pode ser uma dificuldade para o IBAMA acaba sendo a grande vantagem de certas mesorregiões.

No caso específico do Amazonas, acredito que ainda precisamos de muitos avanços, sobretudo na questão do monitoramento dos recursos pesqueiros e dos recursos florestais madeireiros e não-madeiráveis, os quais devem ter ações prioritárias, pois estes são o sustentáculo da economia e de grande parte das relações políticas

instituídas e legitimadas muitas vezes pelo mau uso dos recursos naturais.

Se o IBAMA continuar sendo a única instituição do SISNAMA a efetivamente assumir e executar sua função a proteção de nossos ecossistemas, será sempre uma tarefa muito difícil. Os municípios e o Estado devem ser cobrados e deles exigida responsabilidade solidária quanto ao que prevê o artigo 225 da Constituição Federal.

***IHU On-Line - Como fica a relação do IBAMA com fazendeiros e madeireiros, cujos interesses econômicos muitas vezes entram em conflito com a preservação do ecossistema?***

**Hueliton da Silveira Ferreira** - A relação entre o IBAMA e empresários rurais é mediada por nossos instrumentos administrativos e através dos fóruns democráticos em nosso país. Todos devem cumprir a lei, isso não está em discussão. A quem que não cumpre a lei, o IBAMA deve aplicar todas as sanções previstas, sem hesitação e com rapidez.

O grande problema agrário na Amazônia tem reflexos danosos na questão ambiental. Enquanto uma imensidão de terras públicas, sem destinação, continuarem a ser alvo fácil da ocupação desordenada e especulativa, empresários que praticam ilegalidades e corrompem o sistema vão encontrar as facilidades que atualmente encontram.

Essas práticas devem ser combatidas com vigor, mas somente surtirão os efeitos desejados se ações estruturantes forem implantadas, em especial quando ao ordenamento territorial e à regularização fundiária. Exemplos desse pensamento e política de Estado é o Programa BR-163 sustentável e BR-319 sustentável, para o qual o governo federal está destinando e regularizando milhões de hectares no Pará e no Amazonas. Terras arrasadas e ecossistemas destruídos não produzem. Então, todos deveriam ter o interesse em manter os

serviços ambientais na Amazônia. Mas nem tudo são rosas. Essa relação é historicamente tensa e com inúmeros conflitos que já chegaram a finais indesejáveis tragicamente noticiados pela mídia impressa e televisionada, sobretudo na porção sul amazônica, onde acontece o avanço da fronteira agrícola e da agropecuária extensivas, o chamado “arco do fogo” ou “arco do desmatamento”.

***IHU On-Line - De que forma as populações locais têm sido conscientizadas a preservar a Amazônia? É possível conciliar o extrativismo com a sustentabilidade dessa área?***

**Hueliton da Silveira Ferreira** - Populações locais incluem todos que habitam a região. É necessário perceber que os diferentes segmentos sociais necessitam diferentes estratégias de comunicação e de ações de educação ambiental. Por outro lado, quem mais necessita de conscientização são as elites econômicas e políticas da região. Dentre elas estão as piores e mais perigosas inimigas do meio ambiente na região. No caso das populações tradicionais, elas representam o menor risco ambiental para a região. Seus modos de vida, baseados em tecnologias e intensidade de exploração de baixo impacto, guardam as chaves para compreensão da sustentabilidade sociocultural dessas comunidades.

É preciso compreender que o extrativismo vegetal não é o único modo de produção a que estão vinculadas essas populações. Uma combinação de extrativismo, agricultura, industrialização e prestação de serviço é o que levará o desenvolvimento às populações tradicionais da Amazônia. O melhor exemplo que temos de conscientização ambiental vem exatamente das populações rurais. No Amazonas já são 1230 agentes ambientais voluntários, que em 25 municípios do Estado cuidam, no dia-a-dia, de buscar as soluções locais para a sobrevivência de suas culturas aliado ao desenvolvimento social de suas comunidades.

Situações como a tentativa de regularização do garimpo Eldorado do Juma, no município de Novo Aripuanã, mostram o quão distantes da sustentabilidade ambiental estão os compromissos e as atitudes das autoridades desse país, que ainda se atrevem a dizer que são propagadores do desenvolvimento sustentável. Ilegalidades e engodo político ainda predominam na política local e nacional. Um dia a sociedade brasileira irá repensar suas práticas. Lamento que para grande parte da Amazônia, isso já será muito tarde. O prof. Marcus Barros (Presidente do IBAMA) em seu discurso nos coloca um horizonte de tempo de 50 anos.

### **Organização popular**

Além disso, essas populações locais têm cada vez mais se organizado, no sentido de melhoria de suas relações com o poder público, sobretudo com vias à captação de recursos destinados a políticas de assistência voltadas ao “campo”, para não dizer mundo rural amazônico. Têm crescido o número de associações, cooperativas e sindicatos, o que de certa forma facilita o trabalho do governo brasileiro, tendo em vista que esses movimentos sociais vêm, ao longo desses anos, sistematizando propostas de ação pensadas de dentro pra fora, ou seja, a partir das realidades e especificidades de cada mesorregião.

Penso que isso pode ser ainda pouco. São necessárias as experiências de várias gerações para que uma sociedade se modifique e adquira novos valores culturais. Não podemos deixar de insistir em dizer a todos que destruir os ecossistemas é uma sentença de morte, para todos, em especial para os homens. O lago, a árvore, a ave, o peixe existem, e não precisam do homem. O contrário não se aplica. Definitivamente, não.

***IHU On-Line - E quanto à preservação da identidade cultural e antropológica dos povos amazônicos, o que tem sido feito para mantê-la?***

**Hueliton da Silveira Ferreira** - Creio que a principal vitória no tocante à preservação sociocultural dos povos amazônicos é a garantia de uso de seus territórios em bases ambientalmente equilibradas e socialmente justas. É o que se busca através das chamadas unidades de conservação de “uso sustentável”, previstas a partir da lei do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei 9.985, de 18 de julho de 2001), como as Reservas Extrativistas e as Reservas de Desenvolvimento Sustentável, que nascem de um contexto de luta dos Seringueiros da Amazônia. Esses Seringueiros, inicialmente como Soldados da Borracha, abandonados que foram pelo estado brasileiro, entregues nas mãos dos seringalistas, passaram a enfrentar os grandes empreendedores (Bordon, Volkswagen) nas frentes de expansão agropecuária, realizando empates como estratégia de luta para evitar o desmatamento e contrapor o sentido desta nova grilagem das terras que foram historicamente ocupadas por eles.

Na década de 1980, lutando junto aos constituintes pela reforma agrária seringueira, encontram em seu líder Chico Mendes<sup>1</sup>, presidente do sindicato rural de Xapurí, o formulador da proposta das Reservas Extrativistas, uma feliz formulação reconhecida pela UICN como inovação do conceito de proteção ambiental, incorporando a dimensão antropológica e sociológica ao conceito de Unidades de Conservação.

Além disso, recentemente foi publicado o Decreto n. 6.049, de 07 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

---

<sup>1</sup> **Chico Mendes (1944-1988)**: seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Lutou contra a extração madeireira e a expansão dos pastos na Amazônia. Acabou assassinado por isso. (Nota da *IHU On-Line*)



**IHU On-Line - Como o cidadão que não vive na Amazônia pode interagir para sua preservação? A educação ambiental é a forma de evitar, ou pelo menos minorar, que uma catástrofe ambiental aconteça?**

**Hueliton da Silveira Ferreira** - Cuidar do meio ambiente, em qualquer lugar que seja, em casa, no trabalho, na cidade, no bairro, interage de forma direta ou indireta para a preservação da floresta amazônica e suas riquezas biológicas e socioculturais. Espero que minhas palavras ajudem as pessoas que não são da região, no sentido de que possam pensar e repensar suas idéias e imagens sobre a região. Isso porque nas viagens ao Sul e ao Sudeste do Brasil, tenho percebido que a Amazônia é vista ora como “paraíso”, de megabioidiversidade, ora como o “inferno verde”, de queimadas, desmatamento, tráfico de animais silvestres e conflitos fundiários. Imagens essas construídas pelas informações veiculadas sobre a região, seja no conhecido estilo *Globo Repórter* e “os mistérios da floresta encantada”, seja no alarmismo com que são divulgados os dados sobre desmatamento e queimadas, respectivamente.

A educação ambiental é o único caminho para impossibilitar o agravamento do colapso ambiental vivido nos dias de hoje, pois prega, acima de tudo, uma mudança de comportamento e de hábitos que melhorem nossa relação com os temas ambientais, na medida em que demonstra a relevância desses temas e suas implicações para nossas vidas.

O trabalho de Educação no Processo de Gestão Ambiental desenvolvido pelo IBAMA inscreve-se nesse cenário de assimetrias e busca proporcionar condições

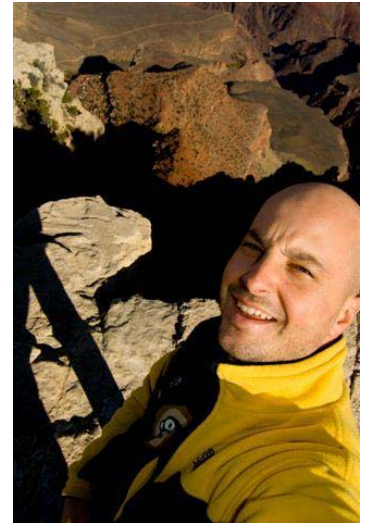
para o desenvolvimento de atitudes, a produção e aquisição de conhecimentos e habilidades, visando à participação do cidadão, especialmente daqueles atores pertencentes a segmentos sociais afetados e onerados, de forma direta, pelo ato de gestão ambiental e que dispõem de menos condições para intervir nesse processo. A participação de pessoas, grupos ou segmentos sociais, objetivada por esta proposta, deve acontecer desde a concepção das decisões que afetam a qualidade dos meios físico-natural e sociocultural, de forma que aqueles que antes arcavam apenas com os custos do processo de gestão ambiental possam, de fato, interferir nele, determinando os rumos desse processo. Para tanto, se orientam ações de Capacitação de Educadores e Gestores Ambientais, Desenvolvimento de Instrumentos e Metodologias e Ações Educativas, por meio de cursos, oficinas, encontros, seminários, projetos e outros eventos.

Os Núcleos de Educação Ambiental das Superintendências e das Gerências Executivas do IBAMA nas Unidades da Federação e em alguns dos seus centros especializados vêm executando projetos com pescadores, ribeirinhos e pequenos produtores rurais, no sentido de promover oportunidades de geração de trabalho e renda, bem como a inclusão social desses grupos.

# Savanização da Amazônia, um processo continuado e irreversível

ENTREVISTA COM LEONARDO COLOMBO FLECK

*De acordo com o biólogo Leonardo Colombo Fleck, pesquisas recentes demonstram que “o processo de desmatamento da Amazônia está reduzindo a umidade do ar a tal ponto que chegará um momento em que a região sofrerá um processo continuado e irreversível de savanização”. E sentencia: “considerando o avanço atual do desmatamento, poderemos ainda ter a oportunidade de vivenciar esse processo em nossa própria geração, até a metade desse século”. O motivo dessa catástrofe tem explicação: “Ao longo dos últimos 40 anos, 20% da floresta amazônica foram derrubados. Isso é mais do que nos 450 anos anteriores de colonização do país. Estima-se que outros 20% serão derrubados nas duas próximas décadas”. Fleck é graduado em Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista em Turismo e Conservador pela University of Kent, no Reino Unido, onde cursou mestrado em Biologia da Conservação. Atualmente é pesquisador em Economia da Conservação na CSF Brasil, Conservação Estratégica, em Lagoa Santa, Minas Gerais. De 2002 a 2003, foi pesquisador no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá em Tefé, no Amazonas.*



**IHU On-Line - O quê está sendo o maior entrave para a evolução das iniciativas ambientais?**

Leonardo Fleck - A questão ambiental é complexa e precisa envolver todos os setores da sociedade. O sucesso das iniciativas, portanto, não só depende de legislação de qualidade, de boa vontade política e de um grande esforço do setor ambiental, mas também de uma forte integração com outros setores. A ministra Marina da Silva, do Meio Ambiente, buscou isso, mas não teve muito sucesso. Hoje vemos nosso presidente dizendo que, para alcançar o sucesso no programa de desenvolvimento de seu segundo mandato, precisamos eliminar entraves, como a questão ambiental. Enquanto estiverem no comando políticos com essa mentalidade, dificilmente teremos avanços significativos nas iniciativas

ambientais. Precisamos compreender que o meio ambiente é fornecedor de praticamente todas as bases para a atividade produtiva, e para a geração de bem-estar humano.

Temos exemplos claros de falta de integração que resultam em contradições entre diferentes políticas públicas na fronteira agrícola na Amazônia. Por exemplo, a concessão de créditos agrícolas estimula atividades econômicas, como o cultivo de soja e a pecuária, que dificilmente ocorreriam na região com a intensidade atual, pois em muitos casos teriam baixa ou nenhuma viabilidade econômica. A concessão de crédito sem a exigência do cumprimento da legislação ambiental, e em terras sob irregularidade, facilita a vida de quem degrada duplamente. É uma política pública com

efeito direto sobre as taxas de desmatamento. E muitos desses proprietários de terra, senão a maioria, não são nem moradores da região. São “forasteiros” capitalizados do Sul e Sudeste que ocasionam enormes conflitos por terra com os moradores locais e com o próprio governo, como no caso dos grileiros. Costuma-se comentar, em tom irônico, que muitos estados do Norte possuem “dois andares”, tamanha é a duplicidade nos títulos de terras. No município de Lábrea, no sul do estado do Amazonas, onde estive recentemente, teme-se que o conflito de terras entre pecuaristas e moradores locais, os ribeirinhos e seringueiros, ocasione inúmeras mortes. Do outro lado, o governo se esforça para conter o desmatamento na Amazônia, com sistemas de monitoramento do desmatamento via satélite em tempo real. Tal esforço, no entanto, só seria realmente eficaz se houvesse maior fiscalização, aliada a maior presença do estado, principalmente dos órgãos de justiça, na região.

#### **Demarcação de terras indígenas**

Outro caso é o de demarcação de terras indígenas na Amazônia. A FUNAI, dentro de suas determinações, promove a demarcação de novas terras indígenas. No entanto, em diversos casos, há populações tradicionais de ribeirinhos - que dependem em grande parte da existência da floresta - que vivem nessas áreas há gerações. Eles ganham uma compensação financeira e mudam para a periferia das cidades onde compram uma casa pequena e gastam todo o seu dinheiro em pouco tempo, pois o que antes obtinham “gratuitamente” da floresta (carne, peixes, frutas, sementes, madeiras, fibras) agora tem de ser comprado. Não há uma preocupação maior com essas pessoas, que vivem uma realidade completamente distinta da urbana, e mesmo das áreas rurais de outras partes do país. Passam, assim, a viver marginalmente, sem mais a possibilidade de fazer o caminho reverso. É uma realidade cruel. Em alguns

casos, passam a invadir as próprias terras indígenas, que antes habitavam para explorar ilegalmente seus recursos naturais, e invadem até mesmo unidades de conservação. Por um lado, busca-se corrigir uma distorção, mas, por outro, cria-se uma nova, com a própria ação corretiva. Faltam estratégia e ações integradas.

Esse é o mesmo caminho que seguem muitas famílias de ribeirinhos expulsas de suas terras por pistoleiros contratados por pecuaristas e grileiros. A ausência marcante do estado na região é um estímulo à ilegalidade, onde impera a lei do mais forte. Os projetos de expansão da malha de estradas pavimentadas na Amazônia, propostos pelo governo no âmbito do PAC, têm alta probabilidade de espalhar esse processo por uma área geográfica muito maior, caso não sejam implementados de forma totalmente inovadora em relação às experiências do passado.

Há, portanto, falta de políticas públicas integradas, e que não se confrontem. O processo de implementação de políticas públicas no Brasil ainda está baseado em abordagens estritamente disciplinares, nas quais cada setor do governo adota decisões com percepção restrita de seu impacto.

#### ***IHU On-Line* - O governo tem cerca de 30 grandes projetos de infra-estrutura na Amazônia legal. Quais são os impactos dessas obras na região?**

**Leonardo Fleck** - Ao longo dos últimos 40 anos, 20% da floresta amazônica foi derrubada. Isso é mais do que nos 450 anos anteriores de colonização do país. Estima-se que outros 20% serão derrubados nas duas próximas décadas. Os projetos de infra-estrutura, principalmente as estradas, são o agente principal dessa destruição ao viabilizar o acesso a regiões antes isoladas, e continuarão sendo à medida que se melhora e expande a rede de estradas na região. Como ilustração, cerca de 90% do desmatamento da Amazônia situa-se em uma faixa de 100 km ao longo das principais estradas. O

desmatamento também torna a floresta mais sujeita a incêndios<sup>1</sup> que, por sua vez, aumentam a extensão dos impactos. No Brasil, o desmatamento<sup>2</sup> é a maior fonte emissora de gás carbônico, o principal agente do efeito estufa.

Os impactos na região são marcantes, e a problemática ambiental relacionada ao aumento do efeito estufa e ao aquecimento global no âmbito mundial está vindo à tona na mídia com frequência crescente. No entanto, há um efeito que será sentido mais diretamente pela maioria dos brasileiros no Sul do país. A Floresta Amazônica, além de ser um repositório gigantesco de carbono, que junto ao oxigênio compõe o gás carbônico, tem um papel enorme na geração de umidade do ar, principalmente através do seu processo de transpiração. Constatou-se, por exemplo, que áreas desmatadas de Rondônia têm chuvas escassas e irregulares, muito diferente do que se observa em áreas florestais. Parte dessa umidade viaja através de correntes atmosféricas que beiram a cordilheira dos Andes até chegar à bacia do Prata, no Sul do país, nos chamados “rios voadores”, sendo responsável por cerca da metade da umidade do ar nessa região. Ou seja, sem a Floresta Amazônica, e sem essa parcela de umidade, a agricultura seria muito menos rentável na região Sul, podendo acarretar inclusive o colapso da atividade na região. Acredita-se que parte da queda na safra de 2005 foi decorrente das queimadas na Amazônia.

### Savanização da floresta amazônica

Pesquisas recentes também demonstram, através de simulações, que o processo de desmatamento da Amazônia está reduzindo a umidade do ar a tal ponto que

---

1 Confira também a entrevista *Os fatores do desmatamento na Amazônia*, com Ane Alencar. (Nota da *IHU On-Line*)

2 Confira também as entrevistas *Os fatores do desmatamento na Amazônia*, com Ane Alencar e *Verdades e mitos sobre a Amazônia*, com Antônio dos Santos. (Nota da *IHU On-Line*)

chegará um momento em que a região sofrerá um processo continuado e irreversível de savanização<sup>3</sup>, ou seja, a floresta entrará em colapso e será substituída por savanas, como o nosso conhecido cerrado. Esse processo seria desencadeado a partir do desmatamento de cerca da metade da floresta. Considerando o avanço atual do desmatamento, poderemos ainda ter a oportunidade de vivenciar esse processo em nossa própria geração, até a metade desse século.

Entretanto, uma estrada pode não trazer prejuízos significativos ao meio ambiente se construída e mantida de acordo com as normas ambientais, e levando em conta seus efeitos indiretos. No caso da Amazônia, investimentos pesados, tanto na criação de unidades de conservação como em governança ambiental, são necessários para conter processos de desmatamento. Isso inclui tanto a presença do estado, em suas diversas formas, quanto a fiscalização pesada da lei.

Os custos desses programas socioambientais também necessitam ser adicionados às análises de custo-benefício dessas obras, para que possamos ter uma real noção da viabilidade econômica de tais empreendimentos. A pavimentação de parte BR-163<sup>4</sup>, também conhecida por Rodovia Cuiabá-Santarém, é um caso interessante. Falava-se muito dos enormes benefícios que geraria na forma de redução de custos do transporte da soja para exportação de Mato Grosso, e do transporte de produtos eletrônicos da Zona Franca de Manaus para a região sudeste, mas pouco se discutia sobre as enormes perdas sociais e ambientais na região. O governo, em resposta

---

3 Para uma outra opinião, confira a entrevista *Preocupação com desertificação amazônica é precoce*, com Bruno Pagnoccheschi. (Nota da *IHU On-Line*)

3 Confira também a entrevista *Os fatores do desmatamento na Amazônia*, com Ane Alencar. (Nota da *IHU On-Line*)

4 Para conhecer outros aspectos sobre a BR-163, confira as entrevistas *Os fatores do desmatamento na Amazônia*, com Ane Alencar, e *Educação ambiental é o único caminho*, com Hueliton da Silveira Ferreira. (Nota da *IHU On-Line*)

ao enorme criticismo das ONGs socioambientais, decidiu promover a pavimentação dessa estrada seguindo um caminho diferente das experiências anteriores, o que chamou de “Plano BR-163 Sustentável”. Esse plano inclui a criação de unidades de conservação e medidas concretas de governança ambiental como forma de mitigar e compensar os danos ambientais. O resultado da proposta foi, no mínimo, interessante: as empresas que antes estavam altamente interessadas em apoiar ou participar da pavimentação da estrada (grandes sojicultores) se retiraram, provavelmente devido aos altos custos que incorreriam em função do estabelecimento de um sistema de pedágio que garantiria os recursos para as ações socioambientais.

***IHU On-Line* - Apesar de ser considerada bastante abrangente em relação à legislação ambiental de outros países da América Latina, a brasileira ainda permanece no papel. Quais as maiores dificuldades para implementá-la? Como o senhor avalia a política ambiental do Brasil?**

**Leonardo Fleck** - Volto ao caso da Amazônia para ilustrar: o Ibama tem 800 fiscais<sup>1</sup> para cuidar de uma área de 5 milhões de quilômetros quadrados na Amazônia, o que equivale a 6.500 quilômetros quadrados por fiscal (é o equivalente a mais de 4 cidades de São Paulo por fiscal - e sua região metropolitana tem 8.500 quilômetros quadrados!). Claramente esses números são absurdos, no entanto ainda não temos uma catástrofe ambiental maior pela dificuldade de acesso às áreas mais remotas da Amazônia (que, no entanto, será viabilizado pelos novos projetos de estrada propostos pelo governo).

Portanto, de pouco adianta ter uma legislação respeitada internacionalmente se a aplicação da lei é débil. Há poucos fiscais, pouco recurso para operações, pouca integração com outros órgãos - como a polícia,

---

<sup>1</sup> Confira detalhes na entrevista *Educação ambiental é o único caminho*, com Hueliton da Silveira Ferreira. (Nota da *IHU On-Line*)

corrupção, e por aí vai. A operação Curupira, executada pelo IBAMA e Polícia Federal, ficou conhecida como a maior operação da história da PF, tendo desmontado em 2006 uma quadrilha que forjava autorizações para exploração de madeira no Mato Grosso. A iniciativa é imensamente louvável, mas é uma ação isolada em um oceano de crimes ambientais, sendo insuficiente para sustentar uma política ambiental. Estima-se que 80% das empresas que trabalham com madeira da Amazônia usem documentos frios.

Apesar de possuímos um sofisticado sistema de monitoramento do desmatamento via satélite, ainda falta agilidade para conter a derrubada de árvores logo que os satélites detectam o desmatamento. A falta de infra-estrutura local de fiscalização é tanta que há diversos escritórios do IBAMA que nem Internet têm. O combustível às vezes é pago do próprio bolso do fiscal. Além disso, os fiscais enfrentam grileiros e pistoleiros fortemente armados, freqüentemente sem o apoio necessário da Polícia. Apesar de termos observado grandes avanços nos últimos anos, a política ambiental no Brasil ainda é fragmentada, insuficiente e desarticulada.

***IHU On-Line* - Rico em biodiversidade, porém registrando altos índices de desmatamento e de queimadas a cada ano, como o Brasil se depara com a necessidade de buscar fórmulas para a exploração sustentável da Amazônia? O que o Brasil está fazendo para explorar ou tirar proveito dessa riqueza? O que, efetivamente, poderia ser feito nesse sentido?**

**Leonardo Fleck** - Critica-se atualmente a pouca rentabilidade de atividades econômicas que permitem a manutenção das florestas, mas se omite das discussões as enormes quantidades de subsídios que as atividades supostamente mais rentáveis recebem ou já receberam, como a agricultura e a pecuária. Além disso, essas são atividades econômicas com alta concentração de renda e

pouca geração de emprego por área (como ilustração, a soja mecanizada chega a gerar 1 emprego para cada 160 ha, com a renda altamente concentrada).

Se há interesse real do governo em incentivar a manutenção da floresta em pé, por que não desenvolver instrumentos econômicos e políticas eficazes que apoiem atividades econômicas ambientalmente sustentáveis? As iniciativas que vemos hoje são pontuais e, novamente, fragmentadas. Doa-se um equipamento para uma comunidade para a produção de óleo de andiroba, que, no entanto, não é capacitada para usá-lo. Doa-se toda a infra-estrutura de produção, mas não se avalia se a atividade é economicamente viável, socialmente adequada, ou mesmo se há mercado para o produto.

Assim como outras atividades econômicas necessitaram de apoio governamental para prosperarem, esse apoio seria necessário para que a floresta em pé possa gerar renda e postos de trabalho que garantam a permanência do caboclo amazônico em sua terra. Esses subsídios tem fundamentação econômica em base aos enormes benefícios não-monetários que a floresta gera, mas que não são contabilizados pelo agente privado como perda quando se desmata, resultado do que os economistas chamam de falha de mercado. E falhas precisam ser corrigidas. Além desses pontos, creio que o governo deveria ter um papel mais forte no estímulo ao desenvolvimento dos mercados ambientais.

**IHU On-Line - Quais as principais dificuldades que apontaria para a pesquisa na região amazônica?**

**Leonardo Fleck** - Uma das principais dificuldades é a falta crônica de recursos que afeta desde a formação de pesquisadores até a comunicação dos resultados das pesquisas. Os custos envolvidos em pesquisas nessa região tendem a ser altos devido às grandes distâncias de deslocamento necessárias às pesquisas de campo. A maioria das pesquisas são executadas por estudantes de pós-graduação, sendo que há poucas oportunidades de

trabalho como pesquisador após o término dos estudos. As oportunidades que existem, principalmente através de bolsas de pesquisa oferecidas pelo governo, são de baixo valor e dificilmente garantem a permanência de um pesquisador na região. No máximo, atraem jovens pesquisadores em início de carreira.

Além disso, a formação de recursos humanos qualificados se concentra principalmente nas regiões Sul e Sudeste, e é carente na região Norte. Mesmo programas de pós-graduação de excelência como o INPA, em Manaus, possuem boa parte de seu corpo discente de fora da região, e que após o curso acabam atuando fora da Amazônia. Ainda assim, a pesquisa sobre a região Amazônica está entre as de melhor qualidade no país. Isso demonstra a enorme capacidade do pesquisador brasileiro de superar dificuldades.

**IHU On-Line - Sabe-se que grande parte das pesquisas sobre a Amazônia não é publicada por pesquisadores brasileiros. Quais sugestões daria para que este quadro passasse por uma modificação positiva, dentro de uma perspectiva de médio prazo?**

**Leonardo Fleck** - Essa questão se deve a fatores endógenos e exógenos ao nosso país. Por um lado, há muito interesse e investimentos internacionais em pesquisa na Amazônia, atraindo diversos pesquisadores estrangeiros à região. Aliado a isso está o fato de pesquisadores de países como os Estados Unidos terem maiores incentivos para pesquisar e publicar. Por outro lado, a pesquisa não tem sido prioridade governamental no Brasil e por essa razão tem sofrido de carências crônicas de recursos financeiros e humanos. Não é raro que o pesquisador brasileiro tenha de gastar boa parte de seu tempo buscando recursos disponíveis para suas atividades de pesquisa, que poderiam estar sendo gastos nas próprias atividades em si e na comunicação de seus resultados. Nesse contexto, pode-se afirmar que, dadas as condições da pesquisa no Brasil, uma

modificação positiva passaria obrigatoriamente por maiores investimentos no setor, no custeio de atividades de pesquisa, na formação continuada de pesquisadores, na valorização dos profissionais, e no fortalecimento de universidades e centros de pesquisa nacionais.

***IHU On-Line* - Qual é a situação do ecoturismo na Amazônia? Como o ecoturismo convive com o ecossistema amazônico e qual é a sua relação com o desenvolvimento sustentável da região?**

**Leonardo Fleck** - O ecoturismo é uma alternativa econômica muito interessante por não ser uma atividade extrativa e, quando bem gerido, envolver impactos ambientais baixos. É uma atividade que gera empregos em diversos níveis de qualificação e em diversos setores da economia, tem benefícios indiretos consideráveis, estimulando a qualificação profissional, a geração de divisas, a conservação e a conscientização ambiental. No

entanto, o ecoturismo deve ser visto como parte de um portfólio de alternativas de geração de renda a partir do meio ambiente, que precisam ser diversificadas e, quando possível, complementares. Isoladamente, o ecoturismo dificilmente será suficiente para garantir a manutenção da floresta em pé em escala regional, pois não haveria uma demanda turística tão grande para garantir a conservação de áreas geográficas extensas. Nos últimos anos, tem-se presenciado iniciativas de ecoturismo interessantes na Amazônia que, ainda que incipientes, têm demonstrado o grande potencial dessa atividade na geração de renda na floresta e no resgate e valorização do conhecimento tradicional. Entretanto, ainda estamos nos passos iniciais. Muitas agências de turismo estrangeiras ainda preferem enviar seus clientes a outros países amazônicos pela falta de qualidade dos nossos serviços.

## “80% do desmatamento da Amazônia se deve à pecuária”

ENTREVISTA COM PAULO MAURÍCIO LIMA DE ALENCASTRO GRAÇA

*De acordo com o pesquisador Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça, integrante do Departamento de Ecologia, Divisão de Bioecologia, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), “a cultura da soja na Amazônia teve um impacto muito grande na floresta Amazônica, principalmente em Mato Grosso, ao longo da rodovia BR-163, no final dos anos 1990, quando ocorreu o boom da soja em consequência do seu preço no mercado internacional, que era bastante compensador na época. Porém, o grande vilão da floresta continua sendo a pecuária extensiva, ou seja, a conversão de florestas em pastos para gado bovino. Pode-se dizer que 80% do desmatamento da Amazônia deve-se à pecuária”. A entrevista foi concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Alencastro é graduado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), especialista em Metodologia de Avaliação de Impactos Ambientais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo, com a dissertação Conteúdo de carbono na biomassa florestal da Amazônia e alterações após a queima. Doutorou-se em Sensoriamento remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) com a tese Monitoramento e caracterização de áreas submetidas à exploração florestal na Amazônia por técnicas de detecção de mudanças. Escreveu inúmeros artigos especializados e capítulos de livros.*

**IHU On-Line** - Quais as conclusões a que chegou com o monitoramento e caracterização das áreas submetidas à exploração florestal da Amazônia por técnica de detecção de mudanças, objeto de sua pesquisa de doutorado?

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - O objetivo principal da minha tese foi desenvolver uma metodologia que pudesse monitorar a atividade madeireira na Amazônia, a partir de dados oriundos de imagens de satélites orbitais, de modo automatizado, inclusive que possibilitasse determinar o grau de degradação dessas

florestas exploradas. Este objetivo foi alcançado com sucesso, e atualmente esta metodologia está sendo incorporada no DETEX, programa de monitoramento de atividade madeireira em áreas de concessão florestal na Amazônia, sob responsabilidade do Serviço Florestal Brasileiro/MMA. Este programa contará com a participação de várias instituições governamentais (INPE, IBAMA, SIPAM, INPA e MPEG) e também do IMAZON. É bom ressaltar que as estimativas oficiais de desmatamento do governo não consideram as áreas de desmatamento “oculto” originadas pela exploração





madeira. Um dos resultados encontrados no meu estudo, que focou uma região do pólo madeireiro de Sinop/MT, com cerca de 8 mil km<sup>2</sup>, revelou que metade da área florestal desta região já tinha sido explorada, no período analisado de 1989 a 2003. Aproximadamente metade das áreas exploradas no período de 2001 a 2003 (355 km<sup>2</sup>) foi considerada com nível de degradação alto, em decorrência do manejo predatório dos recursos florestais. Isto ressalta a importância de se desenvolver técnicas que possibilitem o monitoramento atividade madeira na Amazônia via sensoriamento remoto.

#### ***IHU On-Line - Entre os inúmeros impactos ambientais do desmatamento, quais são os maiores?***

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - Podemos destacar três grandes impactos ambientais derivados do desmatamento da Amazônia. O primeiro deles é em relação ao aquecimento global. A floresta amazônica armazena uma grande quantidade de carbono na biomassa das árvores que as constitui. Por sua vez, o corte e a queima da floresta advinda da prática agrícola para implantação de pastagens e culturas agrícolas fazem com que este carbono estocado no lenho das árvores seja liberado para atmosfera na forma de gases de efeito estufa, tais como o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), metano, monóxido de carbono etc. Uma parte, cerca de 30%, é liberada prontamente via combustão da biomassa e a outra restante por um processo lento de decomposição bacteriana do material vegetal residual.

O segundo está relacionado ao ciclo hidrológico. A floresta amazônica tem papel fundamental na formação de nuvens que contribuem para as chuvas na região amazônica e até mesmo no sul e sudeste do país. Isto porque as árvores da floresta são capazes de bombear a água que está armazenada no subsolo a grande profundidade (até 18 metros) para a atmosfera, reciclando a própria água que cai na Amazônia. Estudos apontam que cerca de 50% da chuva que precipita na

Amazônia é gerada pela própria floresta e os outros 50% da evaporação dos oceanos. Assim a perda de floresta poderia levar a uma redução significativa na quantidade de chuva que cai na Amazônia e na região sul/sudeste, com reflexos negativos na produção agrícola do país.

Por último, mas não menos importante, está a perda de biodiversidade. A floresta amazônica é considerada possuidora de uma das maiores diversidades de organismos vivos do planeta. Essa biodiversidade é de grande importância por armazenar informações que podem ser revertidas em grandes benefícios para a sociedade. Sabemos que a maioria dos fármacos produzidos tem princípios ativos de origem animal ou vegetal e que a indústria farmacêutica movimenta centenas de bilhões de dólares anualmente. A perda da floresta, sem que conheçamos as informações contidas nela, em consequência do acelerado ritmo do desmatamento, em média 20 mil km<sup>2</sup> ao ano, poderia levar a grandes prejuízos econômicos pela falta de oportunidade de se explorar o recurso que estava disponível.

#### ***IHU On-Line - E quais são as probabilidades de que em 100 anos a temperatura da Amazônia aumente em até 8°C e haja uma consequente savanização desse ecossistema? Como a floresta tropical reagiria a isso?***

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - As previsões de savanização da Amazônia, em geral, dão-se em cenários pessimistas, sem que haja iniciativas de mitigação. Assim, caso as tendências atuais continuem, sem que haja uma redução das emissões pelos principais países poluidores (Estados Unidos, Rússia, Japão, China, Alemanha), a probabilidade disto acontecer é muito grande. É lógico que o Brasil tem uma contribuição significativa por suas emissões originadas pelo desmatamento (o desmatamento contribui com 75% das emissões do Brasil). No entanto, quase 80% dos gases de efeito estufa provêm de emissões originadas da queima

de combustíveis fósseis. Um aumento da temperatura no nível previsto (8°C), acompanhada de uma grande diminuição das chuvas, pode levar a mortalidade da floresta. Isto tanto pelo risco de incêndios florestais que podem ser tornar mais freqüentes, com o aumento da freqüência de fenômenos El Niño, como também pela mortalidade seletiva de espécies mais sensíveis ao clima mais quente e seco. Como consequência disto a paisagem se alteraria radicalmente, passando um tipo de vegetação próximo aos das savanas, com predomínio de gramíneas.

***IHU On-Line* - De acordo com o Greenpeace, quase 1,2 milhão de hectares de florestas foram convertidos em plantações de soja até 2004. Como a agricultura, e em específico a monocultura, tem contribuído para devastar a floresta amazônica?**

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - A cultura da soja na Amazônia teve um impacto muito grande na floresta Amazônica, principalmente em Mato Grosso, ao longo da rodovia BR- 163, no final dos anos 1990, quando ocorreu o *boom* da soja em consequência do seu preço no mercado internacional, que era bastante compensador na época. Porém, o grande vilão da floresta continua sendo a pecuária extensiva, ou seja, a conversão de florestas em pastos para gado bovino. Pode-se dizer que 80% do desmatamento da Amazônia deve-se à pecuária.

***IHU On-Line* - É possível estabelecer uma relação entre a seca ocorrida na Amazônia em 2005 como o desmatamento e a monocultura? Por quê?**

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - Sim, porém indiretamente. A seca ocorrida na Amazônia em 2005 pode estar relacionada com as atuais mudanças climáticas que vêm ocorrendo no planeta. O aquecimento excessivo do Atlântico Norte foi o responsável pela seca na Amazônia, reduzindo drasticamente a vazão dos afluentes da parte sul do rio

Amazonas que vêm da área central do Brasil e também pelo furacão Katrina nos Estados Unidos. Assim como o desmatamento originado pelas pastagens e pela agricultura empresarial na Amazônia contribui para o aquecimento do planeta, é possível estabelecer este tipo de relação causal. É esperado que o efeito estufa torne esses eventos, tais como as grandes vazantes nos rios amazônicos, mais extremos e freqüentes.

***IHU On-Line* - Quanto à exploração madeireira, quais são as espécies de árvores que estão ameaçadas e o que isso representa em impactos ambientais?**

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - A indústria madeireira explora poucas espécies de árvores. Atualmente são exploradas na Amazônia cerca de 350 espécies, o que ocasiona uma pressão muito grande em espécie de maior valor, tais como o mogno e a virola, que já foram consideradas pelo governo como espécies com alto risco de extinção, o que o levou a decretar a moratória dessas espécies em 1996, proibindo sua exploração até 2003. Na região de Sinop verifiquei uma grande pressão sobre o cedrinho (*Erisma sp.*), uma espécie de grande procura pelas serrarias para fabricação de móveis. O impacto ambiental mais evidente é a extinção dessas espécies levando a grandes perdas econômicas e, conseqüentemente, ao empobrecimento da floresta.

***IHU On-Line* - O governo federal tem uma política florestal específica para a Amazônia? Qual deveria ser o papel governamental frente a essa questão?**

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - Creio que sim. O atual governo criou o Serviço Florestal Brasileiro com o objetivo de regulamentar a gestão de florestas em áreas públicas na Amazônia, e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal voltado para o desenvolvimento tecnológico, promoção da assistência técnica e incentivos para o desenvolvimento florestal

sustentável. Além disso, temos também o Plano Amazônia Sustentável (PAS), que conta com a colaboração dos governos estaduais, numa iniciativa de desenvolver um modelo econômico sustentável baseado no uso da floresta em pé, agregando valor aos produtos da floresta (fibras, óleos, frutos etc.), a partir de avanços tecnológicos.

Penso que a Amazônia deveria ter por vocação natural o setor florestal como base da sua economia. Neste sentido, acho que um dos papéis do governo frente a essa questão seria de investir massivamente nas instituições de pesquisa para ampliar cada vez mais os conhecimentos sobre o manejo adequado da floresta com o objetivo de garantir a sustentabilidade e aumentar a lucratividade dos recursos florestais. Apenas com uma floresta valorizada economicamente, tanto por seus recursos madeireiros como pelos não-madeireiros (incluindo até mesmo os serviços ambientais prestados pela floresta), poderemos garantir a sua manutenção por longo prazo. Além disso, devem-se manter os programas de combate aos desmatamentos ilegais na Amazônia.

***IHU On-Line - Quais são os maiores mitos ambientais que envolvem a Amazônia? A tão repisada questão de que esse ecossistema não faria mais parte do mapa brasileiro é um deles? Qual o fundamento dessa afirmação que circula, sobretudo, na internet?***

**Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça** - Existem alguns mitos clássicos, como por exemplo, o slogan “Amazônia, o pulmão do mundo”, como fosse a floresta uma grande produtora de oxigênio para o planeta. O que é totalmente descabido, já a floresta durante a noite consome o oxigênio que produziu durante o dia pelo processo de fotossíntese. A questão da internacionalização é um assunto polêmico e que realmente causa grande desconfiança, já que a Amazônia tem motivos suficientes para ser cobiçada por outros países, uma vez que possui uma megabiodiversidade, minérios estratégicos, recursos hídricos abundantes, e possui um papel na regulação do clima mundial. No entanto, a questão de que esse ecossistema não faria mais parte do mapa brasileiro é algo para não ser levado a sério. Isso foi parte de um *spam* que circulou na internet há algum tempo, com uma montagem grosseira de um mapa sem a região amazônica no país.

# Desmatamento e flutuações climáticas na Amazônia, uma relação direta

ENTREVISTA COM LUIZ AUGUSTO TOLEDO MACHADO

*Há uma relação direta entre desmatamento e flutuações climáticas na Amazônia, disse por telefone o meteorologista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Luiz Augusto Toledo Machado. “No momento em que temos uma floresta, nós temos um ciclo da água, um ciclo de energia, em função de se ter uma floresta que retém bastante água. Quando retiramos a floresta, e tiramos a cobertura vegetal, mudamos esse ciclo. Certamente vai se criar outro cenário climático na região. O balanço da água e de energia serão totalmente modificados”, afirmou Machado.*

*Graduado em Meteorologia pela Universidade de São Paulo (USP), o pesquisador é mestre em Meteorologia pela mesma instituição. cursou, ainda, mestrado em Diplôme D'études Approfondies Oceanologie Meteorol pela Université Paris VI. É doutor em Sciences de La vie, também por Paris VI, e pós-doutor pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).*

**IHU On-Line - O senhor poderia situar o papel do ecossistema amazônico na estabilidade climática do Brasil e do mundo?**

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Nós precisamos ter em mente que nessa região tropical próxima ao Equador há três grandes regiões onde tem muitas formações de nuvens e tempestades. Essas três regiões são a África, a Amazônia e a outra é sobre o Oceano, na Indonésia. São as chamadas três grandes “chaminés”. Essas regiões são fundamentais em todo o clima do planeta. Havendo mudanças no clima da Amazônia, diminuindo o número de nuvens e formações de tempestades, haverá um impacto muito grande em toda a região do planeta, e, principalmente, nas proximidades do Brasil. Com certeza, nós teremos uma influência muito grande, principalmente nas chuvas das regiões Sul, Sudeste, dependendo onde se posiciona a Zona de Convergência

do Atlântico Sul, que é uma linha de nuvens que se situa entre a região amazônica e se forma junto com uma frente fria estacionária, proporcionando muitas chuvas na região Sudeste. Esse é o principal mecanismo de geração de chuvas nessas regiões. Diminuindo a precipitação na Amazônia, certamente teremos impacto importante, diretamente nas regiões Sul e Sudeste. Esses seriam dois aspectos significativos.

**IHU On-Line - As chuvas que ocorreram ultimamente, sobretudo na região de Minas Gerais, podem ser atribuídas a esses fatores que o senhor está apontando?**

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Aquele período de chuvas que houve na região Sudeste em dezembro e janeiro foi resultado desse mecanismo, que é a Amazônia alimentando as frentes que ficam estacionárias,

formando uma circulação só e chovendo.

***IHU On-Line* - Como o desmatamento influencia nas flutuações climáticas da região amazônica?**

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Existe uma relação direta nesse caso. A superfície troca calor, vapor de água e umidade com a atmosfera. Existe uma interação significativa que mantém todas as tempestades. No momento em que temos uma floresta, nós temos um ciclo da água, um ciclo de energia, em função de se ter uma floresta que retém bastante água. Quando retiramos a floresta, e tiramos a cobertura vegetal, mudamos esse ciclo. Certamente vai se criar outro cenário climático na região. O balanço da água e de energia serão totalmente modificados.

***IHU On-Line* - E de que forma a poluição produzida pelas demais regiões brasileiras afeta o clima desse local?**

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Existem relações que são diretas e outras que são indiretas. A relação direta é que no momento em que você polui se tem um aumento do efeito estufa. Uma relação indireta é que como essa poluição vai interagir com uma nuvem e essa nuvem vai se tornar mais intensa ou não. Essa relação indireta ainda tem que ser muito estudada. A relação direta implica nesse aumento de temperatura que o relatório do IPCC está mostrando. Certamente tendo esses aumentos significativos, modifica-se também significativamente o clima, porque grande parte do vapor de água que é necessário para a precipitação na Amazônia vem da evaporação dos oceanos, com as monções. O ar do oceano penetra dentro da Amazônia, formando essas tempestades. No momento em que começam a mudar essas temperaturas, transformam-se todos os processos de monções e as relações que existem entre plantas, solos e atmosfera.

***IHU On-Line* - É possível observar mudanças climáticas e mudanças no regime de chuvas da Amazônia? Como a biodiversidade tem reagido a esses eventos?**

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Temos que ter muito cuidado em atribuir variações climáticas como a seca que ocorreu no Acre há dois anos atrás, ou outras variações climáticas que ocorreram na Amazônia, como sendo devidas ao aumento dos gases estufa. Existem variabilidades climáticas, como o El Niño, La Niña, diversos fenômenos que podem modificar significativamente o clima na Amazônia. É difícil afirmar que essas variações que estamos observando sejam exclusivamente devidas ao aumento dos gases estufa. Dentro das simulações e estudos que foram realizadas para o relatório do IPCC, já se podiam observar umas pequenas variações em termos de precipitação na região Amazônica, mas muito leves. A maioria das mudanças que observamos hoje é devido a variações interanuais, e não exclusivamente devido ao efeito estufa.

***IHU On-Line* - Qual é o seu ponto de vista quanto à afirmação de que a Amazônia pode se converter num cerrado? Quais seriam as maiores alterações que essa região sofreria?**

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Temos que parar para analisar o seguinte ponto: qual é a distância que estamos desse cenário de cerrado na Amazônia devido ao efeito estufa e qual é a probabilidade de alcançarmos este cenário devido ao desmatamento. Um problema da Amazônia hoje muito mais sério é o desflorestamento que está ocorrendo. Eu já publiquei alguns trabalhos mostrando que existe uma savanização. Na Amazônia sempre houve. Hoje podemos dizer que não é tanto assim. Há um período de chuva, em que chove o dia todo, e um período de seca, em que chove todos os dias. Essa é a idéia que se teria de uma Amazônia. Qual é a idéia que se tem de uma savana ou de um cerrado? No

período de seca não chove mesmo, e quando se entra na estação chuvosa, começa a se ver precipitações bastante densas e uma chuva ao nível da Amazônia. Ou seja, no período chuvoso se tem quase a mesma quantidade que na Amazônia. No período seco é uma chuva muito fraca, praticamente inexistente. A savanização é um processo de aumento desses períodos de seca na Amazônia. Nessas regiões que estão dentro da área de desflorestamento, já notamos alguns indícios dessa savanização, com um clima parecido com o do cerrado. Quando tocamos nesse assunto, temos que ter em mente o desflorestamento, que é o mais acelerado processo que está ocorrendo.

***IHU On-Line - Que soluções a curto, médio e longo prazo podem ser tomadas para estancar o processo de desequilíbrio climático da Amazônia?***

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Sob esse ponto de vista do desflorestamento, temos que ter uma política apropriada para estancar o desflorestamento. Dentro de um contexto global, O Brasil está tendo uma grande oportunidade de tentar adotar um modelo de crescimento sustentável, um modelo “ecológico”, de trabalhar com energias renováveis, de manter a biodiversidade. É muito difícil se explicar para a pessoa que está desflorestando a Amazônia que ele vai ter um retorno muito maior se ele mantê-la como floresta do que se cortar e plantar soja. É aquela mentalidade de se ganhar em curto prazo. Certamente, manter a floresta, em um futuro, vai valer muito mais, em razão da biodiversidade, formação de fauna. Precisa-se trabalhar com essa idéia, com educação e uma política em curto prazo, porque é difícil controlar a floresta, mas a saída da matéria-prima é fácil. Não existe um grande número de vias para colocar esse material nas regiões Sul e Sudeste ou exportá-las. Isso se passa por uma vontade de

querer mudar e aproveitar o momento pelo que se está passando.

***IHU On-Line - É possível falarmos em desenvolvimento sustentável na Amazônia ou isso ainda é uma utopia?***

**Luiz Augusto Toledo Machado** - Existem exemplos claros que deram certo. Existem condições propícias e materiais, e essa biodiversidade pode ser muito bem explorada. Se você for em uma sorveteria em Manaus, conhecerá um grande número de sabores de sorvete que se desconhece onde vivemos. São coisas que podem ser exploradas de forma sustentável, valorizando, sem tentar fazer uma produção em grande escala, mas sim uma produção que tenha um valor associado bastante importante. Existem alguns pontos em que o governo precisa ser mais eficiente. Por exemplo, temos um projeto na bacia do rio Purus, que é uma bacia ainda intocável, com uma floresta nativa, e a fronteira agrícola da soja está chegando lá. A população local padece com a ação dos grileiros<sup>1</sup> e não tem autoridade nenhuma. Precisa-se de ações firmes. De repente, os índios poderiam ser agentes do Ibama para a fiscalização. Existem diversas idéias que devem ser testadas, discutidas e implementadas. O desenvolvimento sustentável é possível. O Brasil tem a oportunidade de ser um exemplo e ter uma economia voltada para buscar os lucros daqui a dez ou quinze anos.

---

<sup>1</sup> **Grileiro:** é um termo que designa quem está na posse ilegal de prédio ou prédios indivisos, por meio de documentos falsificados, ou indivíduos que ocupam uma terra devoluta. A grilagem é um dos motivos agravantes do êxodo Rural no Nordeste. (Nota da *IHU On-Line*)

## Teologia Pública

### O amor homossexual

POR GREGORY BAUM, TEÓLOGO CANADENSE

*A Agência Adista, 20-01-2007, publicou o artigo de Gregory Baum, conhecido teólogo católico canadense, intitulado O Amor Homossexual.*

*Os Cadernos IHU Idéias, n.º 32, publicaram o artigo À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades, de André Sidnei Muszkopf.*

*Eis o artigo de Gregory Baum.*

"Há alguns decênios, a reflexão teológica sobre o amor homossexual se desenvolveu bastante. Dois fatores históricos provocaram este inesperado desenvolvimento.

Em primeiro lugar, as ciências psicológicas e antropológicas descobriram que a orientação homossexual não é nem uma doença, nem uma perversão da natureza, mas uma variante absolutamente natural que diz respeito a uma minoria de homens e mulheres.

Durante os anos sessenta e setenta, organismos profissionais, aí compreendidas associações de médicos, mudaram, por isso, seu juízo negativo com respeito ao fenômeno homossexual.

Estas declarações científicas assinalaram uma virada cultural bastante notável. As grandes tradições religiosas haviam sempre condenado o amor homossexual como uma perversão da natureza. Os pensadores religiosos estavam convencidos que a orientação heterossexual fosse universal e que os atos homossexuais fossem comportamentos anormais, que transgrediam uma lei essencial da natureza humana. É por esta razão que alguns textos bíblicos denunciam o amor homossexual. No século 19 as sociedades modernas também decidiram criminalizar o comportamento homossexual.

Somente em fins do século 19 muitos pesquisadores reconheceram que a homossexualidade é uma orientação

não escolhida e estável de algumas pessoas. Reagindo a esta descoberta, os moralistas, não podendo mais reconhecer nos homossexuais pecadores que podiam converter-se, começaram a considerá-los inferiores, enfermos, caracterizados por desordens e privados de equilíbrio psíquico.

A Igreja católica ainda permaneceu ligada a este ponto em seu ensinamento oficial. Segundo uma Declaração da Congregação para a doutrina da fé, "a condição homossexual é destituída de sua finalidade essencial e indispensável e é, portanto, intrinsecamente desordenada". Uma declaração romana mais recente nos diz que os homossexuais não devem ser ordenados padres porque não são capazes de ter relações sadias com os homens e as mulheres da sua paróquia. Estes juízos oficiais, no entanto, indiferentes aos resultados da pesquisa científica, já não têm mais nenhuma credibilidade.

Dignity, uma associação de católicos gays e lésbicas, fundada em Los Angeles em 1973, apresentou a própria confissão de fé: "Cremos que os católicos gays são membros do corpo místico de Jesus e fazem parte do povo de Deus. Temos uma dignidade intrínseca, porque Deus nos criou, porque Cristo morreu por nós e porque o

Espírito Santo nos santificou com o Batismo, fazendo de nós canais pelos quais o amor de Deus se expande no mundo... Nós cremos que os gays podem expressar sua sexualidade por um modo conforme ao ensinamento de Jesus”.

Desde então, nasceram associações de gays e lésbicas em diversos países. Há coletâneas de livros e artigos nos quais estes católicos contam e analisam sua experiência religiosa e apresentam reflexões teológicas fundadas na sua leitura da Bíblia. Neste esforço de repensar sua tradição, estes católicos são acompanhados por gays protestantes, judeus e muçulmanos. Segundo eles, ter fé quer dizer aceitar a própria orientação sexual como um dom de Deus.

O Deus do universo, que criou uma maioria de pessoas “straight”, heterossexuais, decide criar uma minoria de pessoas homossexuais. Ao invés de se lamentar diante de seu criador, estes cristãos homossexuais têm orgulho da orientação sexual que Deus lhes deu e vivem o Eros do amor ao seu modo, seguindo o ensinamento de Jesus. Em suas relações amorosas querem permanecer fiéis à vida espiritual, superar seu próprio egoísmo, abrir-se ao amor altruísta pelo outro, recusar a dominação e a

dependência psicológica, praticar a reciprocidade e a partilha.

Muitos teólogos reconhecem hoje que a reflexão moral sobre o amor homossexual não é autêntica se não são lidos os escritos dos cristãos gays e se não é tomada a sério o testemunho de sua fé. Todavia, estes teólogos se dão conta que a posição defendida pelos católicos gays contradiz o ensinamento oficial da Igreja católica. Os teólogos sabem, ao mesmo tempo, que a Igreja, condicionada por novas experiências religiosas, por descobertas científicas e por uma releitura dos textos bíblicos, mudou, com frequência, seu ensinamento. Nós não cremos mais no “fora da Igreja nenhuma salvação”, doutrina enunciada pelos concílios do passado, não aceitamos mais a existência do limbo, pregada por séculos, apoiamos a liberdade religiosa e os direitos humanos, embora estas idéias tenham sido severamente condenadas pelos papas do século 19; estamos conscientes que a Igreja mudou seu ensinamento sobre a tortura e a pena de morte, e assim por diante. É, pois, absolutamente razoável pensar que num destes dias a Igreja também mude sua ética sexual.”



## Memória

### D. Ivo Lorscheiter, ex-presidente da CNBB (1927-2007)

#### Coisas novas e velhas

Na tarde de 5 de março, faleceu Dom Ivo Lorscheiter, bispo emérito de Santa Maria. Dom Ivo, juntamente com Dom Hélder Câmara, Dom Aloísio Lorscheider, primo de Dom Ivo, Dom Luciano Mendes de Almeida, entre outros, foi uma das maiores figuras da Igreja Católica no Brasil do século passado.

As *Notícias Diárias* da página do IHU durante a semana de 5-3-2007 dedicaram notícias a este grande brasileiro que tinha com lema *Nova et Vetera* (Coisas Novas e Velhas).

#### A trajetória

As *Notícias Diárias* do sítio do IHU entrevistou o brasilianista Kenneth Serbin e a Irmã Lourdes Dill, coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança da Diocese de Santa Maria, no dia 5-3-2007 sobre a convivência com Dom Ivo Lorscheiter.

Dom Ivo foi, nomeado, muito jovem, bispo auxiliar de Porto Alegre, em 1965. Ele foi sagrado bispo no dia 6 de março de 1965.

Logo depois, em plena ditadura militar, foi eleito secretário-geral da CNBB quando o presidente era Dom Aloísio Lorscheiter. Exerceu o mandato por oito anos. Depois foi eleito, sempre no período da ditadura militar, presidente da CNBB por oito anos. Dom Luciano Mendes de Almeida foi o secretário-geral da CNBB neste período.

Sobre as dificuldades nos anos da ditadura, disse uma vez: "Para mim eram dificuldades normais. Como cristão, era meu dever defender os direitos humanos. Sempre senti que o povo confiava em nossas ações e nunca tive receio."

Numa entrevista publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 24-11-2002, perguntado pelo jornalista sobre a sua convivência com o conservador arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, de quem era bispo auxiliar, Dom Ivo narra:

"Ele (Dom Vicente) dizia, você é novo, nós não vamos pensar sempre do mesmo jeito, mas você vai ter aqui toda a liberdade de ação". E recomendava: "Você só cuida de não se meter demais em políticas partidárias; isso não é da igreja".

Dom Ivo, como bispo de Santa Maria, entre muitas outras atividades, desenvolveu um importante trabalho social que é um marco na Igreja do Rio Grande do Sul e da sociedade gaúcha. Ele se preocupou muito com o ecumenismo e com as comunicações sociais. No final de 2005 ele foi entrevistado por dois alunos de jornalismo da Unisinos sobre esta sua solicitude. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 5-3-2007.

#### Lutador

De quando em quando, acontecimentos nos fazem perceber o quanto as aparências dizem pouco e nos traem. A morte de Dom Ivo Lorscheiter, foi um desses momentos. Fisicamente, ele parecia uma fortaleza. A altura, o olhar firme e a sinceridade com a qual costumava se expressar o faziam parecer uma fonte inesgotável de energia.

Não era assim. Seus 79 anos foram marcados pela saúde frágil. Seu nascimento foi sofrido. Sem saber que a mãe esperava gêmeos, a parteira deixou o menino no útero enquanto cuidava da irmã, Lúcia. O pequeno Ivo quase morreu sufocado.

No futuro, outras moléstias viriam e o deixariam perto da morte. Mas ele não se queixava. Talvez porque nunca tenha se conformado em deixar que coisas materiais interferissem na sua dedicação à vida espiritual.

Defensor de que a Igreja não tem sentido sem seu rebanho, trabalhou para aproximá-la do povo. Nos 30 anos à frente da Diocese de Santa Maria, implantou e incentivou iniciativas sociais. Na época da ditadura, foi defensor dos perseguidos.

Na vida rica em experiências e fé, conheceu três papas, e participou da direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Parou de trabalhar há pouco mais de uma semana, quando o corpo, em descompasso com o espírito, demonstrou cansaço.

Econômico com as palavras, tinha a habilidade de dizer o que pensava. Pouco antes de morrer, disse à irmã Cecília Dahmer: "Pode ir dormir, que eu também vou". E partiu. Se sua ausência enche de tristeza seu rebanho, seu exemplo deve consolá-lo. E tornar menos dolorosa a despedida.

Ele foi enterrado, na cripta do Santuário da Medianeira, em Santa Maria, no dia 6 de março, quando celebraria 41 anos como bispo, 30 deles em Santa Maria.

## Jean Baudrillard (1929-2007)

### Morre o crítico da sociedade de consumo

Morre um dos principais críticos da sociedade de consumo: **Jean Baudrillard**. O pensador nascido em Reims tinha 77 anos e vivia em Paris. A notícia foi destaque dos principais jornais do mundo. Aqui nos baseamos nas notícias do jornal *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em 7-03-2007.

Autor de *A Sociedade de Consumo* e *O Sistema dos Objetos*, acadêmico via a Guerra do Iraque como um "não-acontecimento".

O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard morreu, em sua casa, em Paris, aos 77 anos, depois de uma "longa doença" - essa expressão é comumente usada pela imprensa da França para se referir ao câncer.

Conhecido mundialmente por sua abordagem ácida da mídia e da sociedade de consumo - cuja insignificância ele denunciava, ao mesmo tempo em que profetizava seu declínio-, Baudrillard foi um intelectual intempestivo e

autor de cerca de 50 livros, além de fotógrafo renomado. Ora tachado de reacionário moralista, ora de niilista, ele se considerava um resistente e criticava a suposta covardia intelectual de seus contemporâneos.

Nascido em Reims, em 20 de julho de 1929, numa família de origem camponesa, Baudrillard era germanista e tradutor de Marx e Brecht. Em 1968, lançou seu primeiro livro de sociologia, *O Sistema dos Objetos*, sucedido por *A Sociedade de Consumo*, em 1970. Três anos depois, ao assinar *O Espelho da Produção*, rompeu com o marxismo.

A partir daí, tornou difícil o trabalho daqueles que buscavam associá-lo a quaisquer ideologias. Baudrillard se via como um franco-atirador, que desagrava a direita e a esquerda. Esta última, aliás, o encarava com ressalvas desde que revalorizara o pensamento do filósofo conservador Joseph de Maistre no livro *A*

*Transparência do Mal*, de 1990.

Em 1986, ao regressar dos Estados Unidos e escrever *América*, já levantara "suspeitas" por trechos como: "Os Estados Unidos são a versão original da modernidade, nós somos a versão dublada e com legendas. Os Estados Unidos são a utopia realizada".

Tido como um dos principais teóricos do pós-modernismo, ele voltou seu alvo para a crítica do pensamento científico tradicional e desenvolveu seus estudos a partir do conceito de virtualidade do mundo aparente, lançando o termo "desaparecimento da realidade".

### 11 de Setembro

Quando os terroristas atacaram o World Trade Center, em 2001, Baudrillard fez conferências e escreveu artigos sobre o tema. Em 2003, durante uma de suas passagens pelo Brasil, disse à *Folha* que "a guerra [do Iraque] é o não-acontecimento, algo que foi feito para eliminar o primeiro [os atentados]". À época, descreveu o terrorismo como "agente e metáfora da desintegração interna de uma superpotência mundial sem inimigos visíveis no front de combate".

O filósofo que começou sua carreira como professor de sociologia da Universidade de Nanterre se anunciava provocador desde os primeiros ensaios: "O que escreverei terá cada vez menos chance de ser compreendido. Mas isso é meu problema. Estou numa lógica de desafio".

Segundo ele, o terrorismo também seguia a sua própria lógica. Em fevereiro de 2003, ao discutir a iminente "guerra ao terror" comandada pelos EUA, em um encontro com o também filósofo Jacques Derrida, em Paris, ele observou: "A guerra acontecer ou não é um detalhe, já que ela é um acontecimento fantoche que só existe como efeito de substituição. Os americanos substituíram Bin Laden por um objetivo fantoche. Bin Laden não morreu, desapareceu", afirmou.

"Ao contrário do 11 de Setembro, a guerra contra o Iraque foi de tal forma pensada e discutida que, quando ela acontecer, não haverá mais a necessidade de acontecer", concluiu.

A última obra publicada por Baudrillard foi *Cool Memories 5*, quinto volume de suas memórias. O livro saiu em 2005, encerrando a série iniciada em 1987.

### Repercussões

"Baudrillard foi um grande sociólogo, uma das pessoas que com mais argúcia analisou a sociedade capitalista contemporânea. Toda a sua análise dos simulacros, da sociedade do espetáculo é já um patrimônio da sociologia." *Boaventura de Sousa Santos*, sociólogo português. *Folha de S. Paulo*, 7-3-2007.

"Baudrillard teve uma primeira fase perfeitamente acadêmica, para em seguida se tornar um provocador público. Ele se notabilizou por discutir as quentes questões de extrema atualidade, e tinha "insights" perfeitos-mesmo que depois tivesse dificuldade para desenvolvê-los e defendê-los. Acho importante esse papel corajoso de provocador. Algo bastante diferente do que se vê no cenário brasileiro, em que os intelectuais parecem só ter bons sentimentos e nunca se mostrarem dispostos a provocar." *Teixeira Coelho*, professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP.

"Baudrillard foi um dos grandes cronistas do século 20 - muito midiático, tinha essa qualidade como uma característica ao mesmo tempo boa e duvidosa de seu pensamento. Sempre escrevendo sobre o que tinha acabado de acontecer. Sempre conseguiu responder de forma muito rápida ao que acontecia, mas sempre também desde um ponto de vista catastrófico. É um pessimismo bastante sedutor, que ao mesmo tempo cria uma certa impotência. Esse fatalismo de uma sociedade

das simulações, em que tudo é falso.” **Ivana Bentes**, professora da Escola de Comunicação da UFRJ.

“Era um dos últimos maîtres-à-penser ainda lúcidos e ativos da geração intelectual pós-sartreana, sempre pronto a intervir nas questões mais desafiadoras da atualidade. Na presença de um fenômeno novo a interpretar, quando estourava um caso, se acontecesse algo novo, extraordinário, um fato ou um evento que a inteligibilidade assegurada tinha dificuldade de interpretar, Baudrillard era entre os primeiros a tomar a palavra e a arriscar uma leitura, uma hipótese, uma interpretação”. **Franco Volpi**, intelectual italiano. *La Repubblica*, 7-03-2007.

“Moralista ou niilista? ‘É preciso viver na inteligência com o sistema e em revolta contra as suas conseqüências. É preciso viver com a idéia de que temos sobrevivido a tudo’. Assim pensava Jean Baudrillard, o crítico por excelência da sociedade de consumo e de seus mecanismos, assim como dos meios de comunicação de massa”. **J. M. Martí Font**. *El País*, 7-03-2007.

“Foi dito que, no seu profundo niilismo e pessimismo, a filosofia de Baudrillard não pensa nenhum acontecimento. Somente banaliza, transformando-o num fato estético. Como torna tudo virtual, nada tem sentido e pensando assim nos libertamos do horror do mundo. ‘Livres de toda a culpa ou responsabilidade, já não sentimos necessidade de tomar partido’, afirmava um dos seus críticos, Enrique Lynch, em 2004, questionando Baudrillard desde a moral. **Clarín**, 7-03-2007.

“A concepção de Baudrillard está localizada completamente na corrente pós-moderna. De fato, ele elimina praticamente a realidade. Isto é, a realidade está sintetizada no simulacro. Nesse sentido, suas análises são profundas. São análises que captam tudo o

que é o espaço virtual. Praticamente substitui a realidade e nos leva a um mundo que é completamente fictício. Então, pode ler-se toda a sua referência como uma reflexão crítica. Há diversas maneiras de lê-lo. Este pensamento francês tem uma análise muito profunda sobre quais são os becos sem saída a que nos levaram este fenômeno denominado, geralmente, como pós-modernidade”. **Rubén Dri**, sociólogo e teólogo argentino. *Página 12*, 7-03-2007.

“Jean Baudrillard foi o maior iconoclasta de nossa época, o supremo especialista em rasgar máscaras e desmascarar fetiches... Diferentemente de outros, ele se recusou a proclamar o “fim” de qualquer coisa (da ideologia, utopia, filosofia, história ou o que seja), tentando, em vez disso, demonstrar a impossibilidade de resolver as questões de sua validade”. **Zygmunt Bauman**, sociólogo. *Folha de S. Paulo*, 11-03-2007.

“Soube unir estilo e originalidade de idéias. Homens de fórmulas precisas e de frases perfeitas, investiu na forma como uma maneira de provocar choques na percepção dos leitores de maneira a romper o conformismo dos sentidos e a banalidade moralista da crítica política. Baudrillard sempre defendeu um pensamento radical e desmontou boa parte das ilusões de uma filosofia da verdade. Embora nunca tenha se reclamado da pós-modernidade, foi um feroz desconstrutor das mitologias modernas. *Power Inferno*, Porto Alegre, Sulina, 2003 é o que de melhor se escreveu depois do 11 de setembro. Baudrillard escancarou as portas da hiper-realidade em que nos encontramos por obra dos simulacros e das simulações que proliferam como metástases matando o social por excesso, proliferação, disseminação”. **Juremir Machado da Silva**, coordenador do programa de pós-graduação em Comunicação da PUC (RS). *O Estado de S. Paulo*, 11-03-2007.

“Uma grande parcela da intelligentsia considera que o que importa são apenas os eventos políticos, econômicos, culturais. Toda análise que não se enquadra neste pensamento é sempre alvo desses críticos. Cabe lembrar que Baudrillard não morreu como professor na universidade, mas apenas como “mestre de

conferências”, algo de fato menos valorizado, para quem está em fim de carreira. Este é um dado importante de sua biografia e está relacionado à sua avaliação dos acontecimentos cotidianos, e não daquilo que seus críticos consideravam o mais relevante”. Michel Maffesoli, sociólogo. *O Estado de S. Paulo*, 11-03-2007.

## Filme da Semana

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA FORAM ASSISTIDOS POR ALGUM (A) COLEGA DO IHU.

### Babel

Ficha Técnica

*Título Original: Babel*

*Gênero: Drama*

*Tempo de Duração: 142 minutos*

*Ano de Lançamento (EUA): 2006*

*Direção: Alejandro González-Iñárritu*

*Roteiro: Guillermo Arriaga, baseado em idéia de Guillermo Arriaga e Alejandro González Iñárritu*

*Sinopse: Um ônibus repleto de turistas atravessa uma região montanhosa do Marrocos. Entre os viajantes estão Richard (Brad Pitt) e Susan (Cate Blanchett), um casal de americanos. Ali perto os meninos Ahmed (Said Tarchani) e Youssef (Boubker At El Caid) manejam um rifle que seu pai lhes deu para proteger a pequena criação de cabras da família. Um tiro atinge o ônibus, ferindo Susan. A partir daí o filme mostra como este fato afeta a vida de pessoas em vários pontos diferentes do mundo: nos Estados Unidos, onde Richard e Susan deixaram seus filhos aos cuidados da babá mexicana; no Japão, onde um homem (Kôji Yakusho) tenta superar a morte trágica de sua mulher e ajudar a filha surda (Rinko Kinkuchi) a aceitar a perda; no México, para onde a babá (Adriana Barraza) acaba levando as crianças; e ali mesmo, no Marrocos, onde a polícia passa a procurar suspeitos de um ato terrorista.*

## Babel. Ou a comunicação e a solidão em tempos globais

POR CARLOS FUENTES

*O escritor mexicano Carlos Fuentes, em artigo publicado no jornal El País, 25-02-2007, reflete, a partir do filme Babel, sobre a incomunicação e a solidão num mundo globalizado e se pergunta pelo que nos une mais, a felicidade ou a infelicidade. O autor acredita que o cineasta mexicano Alejandro González Iñárritu desdobra na sua última película. Sua arte explora o ato humano, suas conseqüências, a fatalidade que o macula e a liberdade que o redime.*

*O filme Babel pode ser entendido como a terceira parte de uma trilogia, a "trilogia da morte" de Iñárritu, sendo que as partes iniciais são os filmes: Amores Brutos (2000) e 21 Gramas (2003). Em entrevista para as Notícias Diárias, dia 10-03-2007, Alfredo Jerusalinsky, psicanalista, comenta quatro filmes. Além de Babel, ele reflete sobre os filmes Borat, A Rainha e Pequena Miss Sunshine.*

*O comentário de Carlos Fuentes foi traduzido pelo Cepat e publicado nas Notícias Diárias no dia 5-3-2007*

Vivemos num mundo global e o paradoxo é que estamos mais isolados do que nunca. A sétima arte é a mais jovem de todas e por esta razão herda toda a carga estética, visual e literária anterior e, ao mesmo tempo, quer inventar um novo imaginário. Ítalo Calvino costumava dizer que os desenhos animados eram a novidade máxima do cinema, arte da metamorfose. Arte pública, também, posto que o cinema requer uma audiência que não só vê, mas que paga para ver. Arte e indústria, esforço colaborativo que não depende, como a literatura, das artes plásticas ou da composição musical, de um só criador.

Por isso, me chamam a atenção as obras cinematográficas que atentam contra sua natureza comunicativa e de massas para tratar o tema da solidão e da ausência de comunicação. King Vidor, numa obra-prima do cinema mudo, *A turba* (The crowd, 1928), aproveita o silêncio do meio para comunicar o sentido

moderno da solidão na multidão, hoje verdadeiro lugar comum sociológico (David Riesman, *A multidão solitária*, 1971). Em Vidor, a incomunicação urbana. Na obra de Michelangelo Antonioni, a solidão e a incomunicação são internas. A sociedade desaparece. Jeanne Moreau, em *A noite* (1961), passeia por uma Milão solitária: não vê nem é vista. A incomunicação dos casais é acentuada pela solidão da pessoa. Como disse Mônica Vitti em *A noite*, comunica-te e o amor desaparece. A solidão, então, seria o castigado preço do amor, paradoxo da falta de comunicação individual.

Agora, Alejandro González Iñárritu, em *Babel* dá o seguinte passo: a incomunicação num mundo hipercomunicado, a solidão na globalidade. As histórias separadas (mesmo que invisivelmente relacionadas) ocorrem no Marrocos, no Japão e na fronteira ferida entre o México e os Estados Unidos. Já esta simples descrição nos refere à globalidade e González Iñárritu

não foge deste fato. Vivemos num mundo global, mas o paradoxo da globalização é que estamos mais isolados do que nunca.

Dois garotos pastores de cabras do Saara, de posse de um rifle que é algo mais do que um brinquedo, e um casal de turistas norte-americanos que não pode entender ou ser entendidos fora das fronteiras dos Estados Unidos. Uma babá mexicana encarregada de duas crianças de Los Angeles (Califórnia), para quem a fronteira política não conta porque o que conta é a família sem fronteiras, a de ambos os lados da linha divisória de México-Estados Unidos, e uma garota japonesa surda-muda privada fisicamente de qualquer comunicação.

Com estes elementos dramáticos, González Iñárritu cria não um filme, mas o filme da realidade globalizada. Esta, dirão vocês, está presente num grande número de filmes de aventura, de James Bond a Tom Cruise, que pulam de fronteira em fronteira. A diferença está em que para James Bond deslocar-se de Londres ao Pólo Norte não é um problema.

Para uma trabalhadora mexicana que cruza a fronteira com dois "gringinhos" para cuidar numa festa de casamento no México, o problema é maiúsculo. O mundo globalizado se apresenta então como um deserto entrincheirado pela discriminação, pela suspeita, pela arbitrariedade e pela injustiça. Os piores prejuízos locais, aldeões, se manifestam com crueldade e indiferença parecidos. Os meninos marroquinos ignoram que um rifle disparado por acaso pode ferir um turista azarado no ônibus que vai passando. A babá mexicana

ignora que cruzar a fronteira com duas crianças loiras desperta todas as suspeitas e inibições dos guardas da fronteira (de origem mexicana). A comunicação global se perde nos desertos da incomunicação local.

González Iñárritu se coloca uma dúvida rigorosa: pode haver cinema erótico com erosão do amor? É a pergunta subjacente de *Babel* e o autor a responde de numerosas maneiras. Uma delas é a atenção prestada às fragilidades da pessoa humana e aos matizes que, longe de debilitá-la, a fortalecem. Se as pessoas não se entendem, por que todos, de Los Angeles ao Marrocos ou a Tóquio, respiram o mesmo ar? A comunidade (tácita, discreta) sobrevoa a solidão de *Babel* e González Iñárritu desdobra sua arte explorando o ato humano, suas conseqüências, a fatalidade que o macula e a liberdade que o redime.

Quero dizer que este é um artista que se pergunta honestamente pelo que mais nos une, a felicidade ou a infelicidade. A resposta está nos olhos e na mente de cada espectador.

Não fujo do impacto político de *Babel*, uma obra do microcosmo migratório e terrorista da globalidade, minado a fundo pela ignorância e a falta de compreensão mútua. Vivemos uma dupla moral, nos diz González Iñárritu. Buscas três terroristas e matas três mil pessoas. A arte diz o que não dizem os meios de comunicação. E *Babel* nos permite perguntar se vivemos com as relíquias de um mundo condenado ou com os presságios de um mundo por nascer.

## Análise de Conjuntura

A página do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia. É um serviço que é disponibilizado para quem se interessa em acompanhar, diariamente, os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do IHU.

A última análise é do dia 07-03-2007 e pode ser acessada no endereço [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item "IHU por e-mail"

## Destaques On-Line

Essa editoria informa artigos e entrevistas que foram destaque nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos mesmos que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

### Entrevista com Oneide Bobsin

Título: Reencarnação - entre o determinismo e a liberdade

Confira nas Notícias Diárias do dia 06-03-2007

Entrevista com o Reitor e professor titular da cadeira de ciências das religiões na Escola Superior de Teologia sobre reencarnação.

### Entrevista com Luiza Chomenko

Título: A cultura do monocultivo é sempre um risco  
Confira nas Notícias Diárias do dia 07-03-2007

As mulheres da Via Campesina realizaram quatro ocupações de terra no Rio Grande do Sul. As manifestações fizeram parte da Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Via Campesina. Para falar sobre o assunto, a *IHU On-Line* conversou com a bióloga Luiza



Chomenko e ouviu depoimentos de algumas mulheres da via campesina.

#### Entrevista com Alinne Bonetti

**Título: Feminismo e relações de poder**

**Confira nas Notícias Diárias do dia 08-03-2007**

No Dia Internacional da Mulher, a *IHU On-Line* conversou com **Alinne Bonetti**, mestre em Antropologia Social, que atualmente finaliza sua tese de doutorado intitulada *Feminismo e relações de poder internas: o caso Arapiracas*.

#### Entrevista com Ronaldo Rosas Reis

**Título: O mainstream hollywoodiano**

**Confira nas Notícias Diárias do dia 08-03-2007**

Para falar sobre o tema trabalho e cinema, entrevistamos o Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e Pesquisador do CNPq, **Ronaldo Rosas Reis**.

#### Entrevista com Carmen Silveira Oliveira.

**Título: A polêmica da redução da idade penal.**

**Confira nas Notícias Diárias dia 09-03-2007**

Após a morte do menino **João Hélio**, no Rio de Janeiro, a discussão sobre a redução da idade penal brasileira vem crescendo. Para falar sobre o assunto, suas conseqüências e alternativas, a *IHU On-Line* entrevistou a Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente-(**Conanda**), e professora da Unisinos **Carmen Silveira Oliveira**.

#### Entrevista com Ernanne Pinheiro e Virgílio Uchôa.

**Título: Em memória de Dom Ivo Lorscheiter, no 7o. dia da sua morte.**

**Confira nas Notícias Diárias dia 12-03-2007**

Para homenagear **Dom Ivo Lorscheiter** a *IHU On-Line* conversou com **Pe. José Ernanne Pinheiro** e **Pe. Virgílio Uchôa**.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS *NOTÍCIAS DIÁRIAS* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

#### Entrevista com Philippe Gröning

**Título: O Grande Silêncio**

**Confira nas Notícias Diárias do dia 07-03-2007**

Dezessete anos depois de ter pedido permissão, **Philipp Gröning** conseguiu filmar a Grande Cartuxa, na França. O documentário, grande sucesso de público na Alemanha, Itália, França e Portugal, intitula-se **O Grande Silêncio**. Em entrevista à revista francesa *La Vie*, 14-12-2006, o diretor alemão narra os seis meses que viveu com os monges.

#### Artigo de Eugenia Zerbini

**Título: Dia Internacional da Mulher. Será que temos o que comemorar?**

**Confira nas Notícias Diárias do dia 08-03-2007**

"Abre-se uma janela para o relançamento do movimento de mulheres, resgatando aqueles passos pioneiros de 1857", escreve **Eugenia Zerbini**, advogada, mestre e doutora em direito, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*.

#### Entrevista com Fernando Lugo

**Título: A política deve ser instrumento de santidade.**

**Confira nas Notícias Diárias do dia 08-03-2007**

O líder da oposição e favorito para as próximas eleições presidenciais descreve os objetivos de sua coalizão, marca diferenças com Chávez e Evo e diz que o querem matar, afirma o bispo **Fernando Lugo** em entrevista para o jornal argentino *Página/12*.

### Entrevista com Giacomo Marramao

Título: Globalização e singularidade.

Confira nas Notícias Diárias do dia 11-03-2007

A globalização fez furor nos anos 90 e por um tempo pareceu designar um fenômeno de integração mundial sem proporções na história. Porém, não tardaram as críticas. No panorama geopolítico de hoje o conceito já não entusiasma, mas talvez seja apressado jogá-lo no lixo, assim como o conceito de mundialização. Essa é a tese do italiano Giacomo Marramao, professor de filosofia política na Universidade de Roma III.

### Entrevista com Luc Ferry

Título: Por uma espiritualidade sem Deus

Confira nas Notícias Diárias do dia 11-03-2007

Luc Ferry, filósofo, ex-ministro francês da educação, professor da universidade de Paris VII, concedeu uma entrevista ao jornal **Zero Hora**, 10-03-2007, onde afirma existir "uma espiritualidade leiga, que constitui o núcleo da filosofia".

## Frases da Semana

### Violência

"Amor, quero falar com você. Levei um tiro. Tô caída na calçada" - Matilde Ferreira, professora, vítima de um tiroteiro entre traficantes e policiais no Rio de Janeiro, falando por celular com seu marido - **O Estado de S. Paulo**, 07-03-2007.

### Bush e Lula

"Estou convencido de que nós demos um passo extraordinário para que o álcool se transforme numa commodity, e que a gente possa ocupar um espaço importante no mercado internacional" - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - **O Globo**, 11-03-2007.

"O presidente Lula tem mostrado habilidade ao privilegiar pautas específicas de entendimento com os EUA, mantendo relações construtivas com Bush" - editorial do jornal **Folha de S. Paulo**, 11-03-2007.

"Bush recusou-se a dar ao álcool brasileiro tratamento pelo menos semelhante ao do petróleo de Chávez,

isentado de taxaço e de imploraço" - Janio de Freitas, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 11-03-2007.

### Sexo, preservativo e ponto G, segundo Lula

"Preservativo tem que ser doado e ensinado como usar. Sexo tem que ser feito e ensinado como fazer. Somente assim nós seremos um país livre da Aids e de outras doenças infecciosas", disse ele, no lançamento da campanha do governo federal para a proteço da mulher contra a Aids - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 08-03-2007.

"De Lula, no lançamento de campanha pela camisinha: 'Sexo é uma necessidade orgânica'". Isso quer dizer o seguinte: fodam-se" - Tutty Vasques, humorista - **nominimo**, 08-03-2007.

"Não somos hipócritas. Nem o fomos. Nem o seremos. Somos coerentes" - nota da CNBB sobre as declaraçoes de Lula - **Folha de S. Paulo**, 10-03-2007.

"Já conversamos muito ao longo dos últimos meses e estamos andando. Andando com muita solidez para encontrarmos o chamado "ponto G" para fazer um acordo. Estou convencido disso" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 10-03-2007.

"Eu recomendaria ao presidente Lula ler mais *O Capital* e menos o *Kama Sutra*" - **José Carlos Aleluia**, deputado federal (PFL) - *Folha de S. Paulo*, 10-03-2007.

"E com o vento a favor: Bush precisa de parceiros confiáveis na América Latina, além da Colômbia, o mais fiel; e Chávez só pode falar em "aliança bolivariana" no continente com o Brasil dentro. Lula é o próprio "Ponto G". O ponto de equilíbrio" - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 11-03-2007.

#### **Bush e Chávez**

"Che yanqui, una cosa te diré, que hoy la Patria Grande está de pie, con los huevos de Chávez y de Fidel, sangre de Evita y del Che" - militantes do **Movimiento Libres del Sur**, acolhendo Hugo Chávez em Buenos Aires - *Página/12*, 09-03-2007.

"Bush é um cadáver político. Ele já nem cheira mais a enxofre, tem o odor de seus mortos políticos, de seus mortos de guerra" - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - *O Estado de S. Paulo*, 10-03-2007.

#### **2010**

"Creio que o candidato do PMDB, como maior partido, pode vir a ser o candidato (em 2010) da coalizão governamental que agora se formou em torno do presidente Lula. É a minha expectativa" - **Michel Temer**, presidente do PMDB - blog de **Josias de Souza**, 10-03-2007.

"Acho que a aliança do PMDB com o PT é a chave para uma coalizão não só para dar governabilidade, mas para eleger o sucessor do presidente Lula" - **José Dirceu**, ex-chefe da Casa Civil - *O Estado de S. Paulo*, 11-03-2007.

"O PT pode e deve ter um candidato. Mas se a coalizão não pode ter um candidato que não é do PT, não é coalizão" - **José Dirceu**, ex-chefe da Casa Civil - *O Estado de S. Paulo*, 11-03-2007.

#### **O Futebol segundo Platini**

"Quando eu comecei a jogar futebol era símbolo de respeito e tolerância. Hoje, é sinônimo de corrupção, droga e lavagem de dinheiro. As crianças não pode mais ir a um jogo de futebol" - **Michel Platini**, ex-jogador de futebol e presidente da União Européia de Futebol - *Clarín*, 11-03-2007.

## Eventos

# A mulher no século XXI: desafios e alternativas

IHU IDÉIAS

*Dando continuidade às discussões levantadas pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o IHU Idéias desta quinta-feira, 15-03-2007, tem como tema A mulher no século XXI: desafios e alternativas. A palestrante é a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marga Janete Ströher, docente na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo.*

*Ströher é graduada em Teologia pela EST. Cursou mestrado e doutorado em Teologia na mesma instituição. Defendeu a tese Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo - Um Estudo das Cartas Pastorais em perspectiva feminista. Junto de outros pesquisadores, é organizadora das obras Águas da Vida - Celebrações. São Leopoldo: Con-texto, 2001; À flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2004 e Corporeidade, Etnia e masculinidade. São Leopoldo: Sinodal, 2005. Escreveu A Igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, 1996.*

*O IHU Idéias acontece na Sala 1G119 do IHU, com entrada franca, das 17h30min às 19h. Sobre o tema mulheres, confira a edição 211 da IHU On-Line, de 05-03-2007, intitulada Uma sociedade de mulheres? Para além da separação de homens e mulheres, disponível para download no site do IHU.*

## A última tentação de Cristo

CICLO DE FILMES JESUS NO CINEMA

*A dupla de professores Miriam Rossini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Bruno Glaab, da Escola Superior de Teologia (EST), comenta o filme A última tentação de Cristo, que será exibido na Livraria Padre Reus sábado, no dia 17-03-2007, dentro das atividades do Ciclo de Filmes Jesus no Cinema, organizado pelo IHU. O Ciclo faz parte do evento Páscoa 2007 - Cultura, arte, esperança. A última tentação de Cristo, de Martin Scorsese (Touro indomável), leva às telas a história de Jesus Cristo caso ele tivesse optado por seguir uma vida comum, com esposa, filhos e um dia-a-dia normal. Indicada ao Oscar, a produção tem no elenco Willem Dafoe como Jesus Cristo e Harvey Keitel no papel de Judas.*

*Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bacharel e licenciada em História pela UFRGS, Rossini cursou mestrado em Artes e Cinema pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese Teixeira e o cinema gaúcho, publicado pela Fumproarte em 1996. Cursou doutorado sanduíche na UFRGS e na École des Hautes Etudes em Sciences Sociales (EHESS), na França, com a tese As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real.*

*Glaab é graduado em Teologia pela PUCRS, mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com a tese A diaconia do Filho do Homem - Análise teológica de Mc 10,45. É autor de O Modelo Igreja Serviço. Porto Alegre: Edições EST, 1996 e Introdução à Bíblia. Porto Alegre: Arquidiocese de Porto Alegre, 2006.*

**FICHA TÉCNICA**

**Título Original:** The Last Temptation of Christ

**Gênero:** Drama

**Tempo de Duração:** 163 minutos

**Ano de Lançamento (EUA):** 1988

**Estúdio:** Universal Pictures / Cineplex Odeon Films

**Distribuição:** Universal Pictures

**Direção:** Martin Scorsese

**Roteiro:** Paul Schrader, baseado em livro de Nikos Kazantzakis

**Produção:** Barbara De Fina

**Música:** Peter Gabriel

**Fotografia:** Michael Ballhaus

**Desenho de Produção:** John Beard

**Direção de Arte:** Andrew Sanders

**Figurino:** Jean-Pierre Delifer

**Edição:** Thelma Schoonmaker

**Efeitos Especiais:** Industrial Light & Magic

**SINOPSE**

*Jesus (Willem Dafoe) é um carpinteiro que vive um grande dilema, pois é quem faz as cruzes com as quais os romanos crucificam seus oponentes. Resumindo, Jesus se sente como um judeu que mata judeus. Vivendo um terrível conflito interior, ele decide ir para o deserto, mas antes pede perdão a Maria Madalena (Barbara Hershey), que se irrita com Jesus, pois não se comporta como uma prostituta e sim como uma mulher que quer sentir um homem ao seu lado. Ao retornar, Jesus volta convencido de que é o filho de Deus e logo salva Maria Madalena de ser apedrejada e morta. Então reúne doze discípulos à sua volta e prega o amor, mas seus ensinamentos são encarados como algo ameaçador, sendo, então, preso e condenado a morrer na cruz. Já crucificado, é tentado a imaginar como teria sido sua vida se fosse uma pessoa comum.*

# A doença sem melodrama

ENTREVISTA COM GLÊNIO PÓVOAS

*O professor e pesquisador de cinema brasileiro da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Glênio Póvoas, conversou por telefone com a IHU On-Line sobre cinema e saúde. O assunto foi pauta porque Póvoas participará do evento Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação. O filme que será exibido e debatido é Floradas na serra (1954, Luciano Salce).*

*O evento acontece dia 13-03-2007, às 8h30min, na sala 1G119 do IHU.*

*Confira abaixo um bate-papo com o pesquisador.*

**IHU On-Line - De que maneira o cinema vem tratando o tema da saúde?**

**Glênio Póvoas -** Preocupe-me mais em tentar localizar esse tema no cinema brasileiro, basicamente no cinema de ficção, que é o mais visto pelas pessoas. Não fiz uma pesquisa exaustiva para esgotar o assunto. Não localizei muitos títulos, pelo menos não até o período dos anos 1950, sobre o qual estou trabalhando. Encontrei alguns filmes que tratam da cegueira, como *Luz dos meus olhos* (1947, José Carlos Burle), *Coração materno* (1951, Gilda Abreu) e *Rua sem sol* (1954, Alex Viany). O alcoolismo aparece no clássico *O ébrio* (1946, Gilda Abreu), um grande sucesso popular. Não aprofundi a pesquisa para saber como a doença volta a aparecer no cinema brasileiro a partir dos anos 1950 e 1960.

## Floradas na serra

Aqui vamos tratar o tema da doença: a tuberculose. Temos que lembrar que o filme é baseado no livro homônimo de Dinah Silveira de Queiroz<sup>24</sup>, que já tinha tido um relativo sucesso, muito lido e comentado em seu

ano de lançamento, 1939. O filme foi lançado em 1954. Desde o século XIX, esta doença é tema de obras dramáticas, como em *A dama das camélias* (1832), de Alexandre Dumas Filho, no qual a personagem principal morre de tuberculose. É a "grande doença". Depois de ser relativamente controlada no século XX, vamos ter outras doenças como o câncer e, mais na atualidade, a AIDS. São doenças temidas e, por isso, temas difíceis de tratar no cinema. No caso da tuberculose ou mesmo do câncer, no século XIX e XX, não se falava abertamente sobre isso.

## A doença

Para a comunicação, li o livro, a fim de fazer uma comparação. Para minha surpresa, a autora não usa a palavra tuberculose; simplesmente não há menção a essa doença e a história é sobre personagens tuberculosos que vão para um lugar se tratar. No filme, a palavra é citada, duas ou três vezes, mas aí - em meados dos anos 1950 - a doença já estava menos estigmatizada. É como hoje, por exemplo, quando as pessoas também não falam quando alguém tem HIV na família.

<sup>24</sup> Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982): autora de *Pecado, Floradas na Serra e Morada*. (Nota IHU On-Line)

**IHU On-Line** - Então o cinema pode ajudar, nesse ponto, a desmistificar as doenças?

Glênio Póvoas - Acho que o papel nesse sentido seria de esclarecimento de certos aspectos dessas doenças, sintomas, precauções. Há o cinema documentário, que ainda tem uma subcategoria, que seria a do filme científico. Desde muito cedo, na história do cinema, ele foi usado como um aliado para a ciência, fazendo o registro de operações, cirurgias. Um dos filmes preservados da nossa filmografia é *Serviço de febre amarela* (título atribuído, provavelmente de 1911, 19 min), em que são mostrados os métodos de combate aos mosquitos e suas larvas.

**IHU On-Line** - Existe alguma forma de se falar em saúde sem tornar o filme um melodrama?

Glênio Póvoas - Difícil. Até propus falar um pouco sobre melodrama no cinema, que é um gênero às vezes desprezado pela intelectualidade, mas que está muito presente nas nossas vidas, atende a certos mecanismos que estão muito presentes no nosso cotidiano. Cria-se um preconceito em cima do melodrama, sem nenhuma explicação. Se a gente for buscar na raiz do gênero, o melodrama nada mais é do que uma visão de mundo muito particular de tentar entender a realidade. A telenovela é isso.

## A indústria top (e pop !) do mundo moderno

ENTREVISTA COM GLÁUCIA ANGÉLICA CAMPREGHER

*A professora do PPG em Economia da Unisinos, Gláucia Angélica Campregher, conversou por e-mail com a IHU On-Line sobre o evento Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema.*

*Na entrevista, Gláucia disse que o cinema é a indústria top do mundo moderno. “Trata-se de uma indústria super dinâmica - cresce sem parar no mundo todo, passando por crises passageiras que só a colocam em patamares ainda superiores de qualidade técnica, de agregação de valores, e mesmo de enriquecimento e diversificação de conteúdos”, afirma ela.*

*Gláucia é mestre em Economia pela Unicamp e doutora em Economia pela mesma Universidade. Ela concedeu uma entrevista na 151ª edição que tratava o tema dos Shoppings Centers, e na 155ª edição da IHU On-Line sobre Sepé Tiaraju. O evento estréia dia 17-03-2007, às 8h45min, na sala 1G119 do IHU, com a exibição do filme Como era verde meu vale (How Green Was My Valley), de John Ford.*

**IHU On-Line** - Como discutir o capitalismo através do cinema? A indústria cinematográfica não está dentro de um modelo capitalista? Como ela pode se esquivar disso?

Gláucia Angélica Campregher - Interessante questão que resume bem toda a proposta dessa atividade. O cinema é a indústria top (e pop!) do mundo moderno (o “pós-moderno” aí incluído). Trata-se de uma indústria



super dinâmica - cresce sem parar no mundo todo, passando por crises passageiras que só a colocam em patamares ainda superiores de qualidade técnica, de agregação de valores, e mesmo de enriquecimento e diversificação de conteúdos. Ou seja, incorpora e desenvolve tecnologias, gera cada vez mais empregos - nos centros mais dinâmicos, ainda que os possa ameaçar na periferia -, e, de quebra, vende, junto com muita porcaria, mercadorias fantásticas que criticam tudo! Só pra dar alguns exemplos: a própria indústria do cinema (*O último magnata*, 1976), o atual presidente dos Estados Unidos (*Fahrenheit*, 2004), a destruição do planeta (*Uma verdade inconveniente*, 2006), o estilo de vida americano (*Beleza americana*, 2000), a grande empresa americana (*As loucuras de Dick e Jane*, 2005), baseado na história da falência da Enron); enfim, são muitos.

#### Moral da história

Então, a moral da história é: vende-se crítica e reflexão junto com diversão inteligente e diversão boba, porque isso dá dinheiro, mas oferece também compreensão das nossas condições de vida (complexas, diferentes lá e acolá, ainda que comungando pontos em comum), das contradições que o capitalismo nos apresenta hoje (inclusive essa de vender sua própria crítica)? Não! E sabe por quê? Porque vem tudo fragmentado, porque são duas ou três horas de reflexão e depois tudo volta ao normal! Porque o cinema, como toda a informação, e até a ciência, hoje, está todo picado! Assim, sendo a crítica uma mercadoria a mais, ela não consegue sozinha fazer a crítica do mundo excessivamente mercantilizado. Enfim, ninguém junta os pedaços, ninguém mescla um diagnóstico com uma reflexão com propostas para a ação! Então juntarmos os filmes e sugerirmos um fio condutor, que pode até ser questionado. Temos uma história! E é isso que está nos faltando hoje - compreensão histórica - só ela ensina

(para os nossos jovens hipercarentes!) que o mundo nem sempre foi do jeito que é e por isso pode ser diferente.

**IHU On-Line - De que maneiras o capitalismo pode ser abordado no cinema? A senhora pode exemplificar com filmes?**

**Gláucia Angélica Campregher** - O capitalismo que pode ser abordado no cinema é o capitalismo da vida das pessoas; isso é que é legal! (Mas, como eu disse acima, insuficiente se quisermos entender as limitações que essa forma de organização da sociedade impõe à vida como um todo e a todas as vidas, uma a uma). Vou exemplificar: o filme *Joana francesa* (1973) do Cacá Diegues, trata da história de uma família de ex-poderosos donos de terra no nordeste já na decadência do açúcar e na emergência da indústria no centro do país. As pessoas confusas, destruídas, humilhadas, estão ali, mostradas mais que explicadas! Como ver nas histórias delas a história do Brasil? Está no filme, mas precisa ter olho treinado e atenção. As falas, as roupas, as ruas, tudo isso fala mais que a própria idéia de quem fez o filme! Eu faço, vira e mexe, um teste com meus alunos, perguntando sobre o que é *Uma linda mulher* (1990)? Os mais atilados lembram que não é só sobre a transformação de uma prostituta numa dama, mas também a de um empresário especulador, frio - e infeliz - num empresário mais atento ao outro (seja a prostituta, seja num outro tipo de empresário etc). Se falamos sobre o filme, se ele faz crescer em todas as suas possibilidades abertas, mesmo um filme ruim vai dizer muito sobre um determinado povo, num determinado momento. Ou seja, de novo - história!

**IHU On-Line - Qual o melhor filme, na sua opinião, que discute esta questão e por quê?**

**Gláucia Angélica Campregher** - Não existe um filme só pra contar toda a história do capitalismo, porque a história é imensa, cheia de momentos que devem ser

explorados em suas inúmeras dimensões. Um documentário só sobre o capitalismo, por mais longo e completo, pode ser útil, mas sem dúvida será mais pobre. Será muito mais a interpretação de alguém - pois a seleção das imagens, sem história romanceada nenhuma, convida menos o expectador a juntar os pedaços. Agora, se você me perguntar sobre um filme recente sobre o capitalismo atual, por exemplo, eu teria alguns bem interessantes... Tenho adorado esses filmes que têm apostado em contar várias histórias ao mesmo tempo, convidando, como dizia acima, o expectador a participar ainda mais da compreensão do todo, como o Babel (2006). Os que eu mais gosto são Short cuts 1193), do Robert Altman, e Crash (2004), do Paul Haggis. Vejamos esse último: o filme começa com o sujeito dizendo que em Los Angeles duas pessoas só se encostam

em acidentes de carro, e aí vai mostrando uma porção de pessoas com medos e preconceitos umas sobre as outras. E vale-tudo: raça, cor, situação social e até o preconceito de mãe com filho. Sempre aquela história de você 'achar que conhece' e resolver não dar chance a alguém e a si mesmo, de encontrar, encostar e conhecer alguém. Esse é um filme sobre o capitalismo do corre-corre, do ganha-ganha, do trabalha-come-dorme que nos pega a todos e nos deixa muito sós e infelizes. Nem sempre foi assim, mesmo no capitalismo! Já no primeiros filmes que o Ciclo vai mostrar, Como era verde o meu vale (1941), mesmo sendo já uma sociedade capitalista retratada (uma família proprietária de uma mina de carvão e seus trabalhadores assalariados), vamos ver ali que as pessoas se relacionavam mais.

## Escravidão indígena nas Américas

INTERPRETAÇÕES DO BRASIL: DOS CLÁSSICOS ÀS NOVAS ABORDAGENS

Novas Perspectivas sobre a Escravidão Indígena nas Américas é o tema que apresentará O Prof. Dr. John Manuel Monteiro no ciclo Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens, de terça-feira, 13 de março.

John Manuel Monteiro é Doutor em História pela University of Chicago e docente no departamento de Antropologia da Universidade Federal de Campinas. O professor também é autor das seguintes obras que tratam da história indígena do Brasil: *Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas Origens de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994 e *Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros: Acervos das Capitais*, São Paulo, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP/FAPESP, 1994.

O evento inicia às 19h30min, no auditório central, localizado na Unidade Acadêmica de Ciências Humanas da Unisinos. Para conferir a programação completa do ciclo acesse a página do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

***IHU On-Line - Em que estágio encontra-se a luta dos povos indígenas no Brasil? Qual o lugar dos índios na história nacional?***

**John Monteiro** - A luta dos povos indígenas vem ganhando força desde os anos 1970, com um ponto de inflexão em torno da Constituição de 1988. As mudanças na composição deste movimento foram muito abrangentes e os resultados, em certos aspectos, marcantes. Uma mudança que começou nos anos 80 e hoje domina o cenário diz respeito à criação de organizações indígenas, governadas por lideranças capacitadas através de projetos de ONGs indigenistas ou ambientalistas ou, mais recentemente, nas universidades públicas. As organizações garantem uma participação mais efetiva e direta das comunidades indígenas na garantia de seus direitos históricos. Se a atuação do movimento enfocou, num primeiro momento, o desafio da demarcação de terras, hoje está engajado em projetos de saúde, de educação básica, de etnodesenvolvimento, de preservação do patrimônio material e imaterial, entre outros. Os resultados marcantes incluem os avanços realizados na demarcação de terras, o reconhecimento étnico de grupos que antes não eram reconhecidos como índios e a implantação de projetos sanitários, educacionais e culturais. Este cenário é otimista, mas é preciso lembrar que há muitos problemas, desafios e perigos que rondam as populações ameríndias no Brasil. Alguns não são exclusivamente delas, como a pobreza, o desemprego, a ausência de serviços públicos. Mas outros são: a agência indigenista oficial (FUNAI) cumpre mal as suas funções; os conflitos sangrentos com latifundiários, posseiros e garimpeiros permanecem de solução difícil; e os problemas internos das comunidades - por exemplo, a mortalidade infantil e os suicídios entre os Kaiowá de Mato Grosso do Sul - demandam novas abordagens e soluções. A crescente visibilidade dos índios na mídia, nas cidades e nos livros didáticos nos obriga a repensar o lugar dos índios na

história do país. Não se pode pensar os índios apenas como vítimas inermes de uma história inscrita e escrita por outros, assim como os índios hoje mostram que não são meros remanescentes mas agentes contínuos de seu destino. Como atores históricos, no passado e no presente, os índios tiveram uma presença e participação na construção do Brasil que vêm ganhando uma visibilidade também nos estudos históricos. Por muito tempo os historiadores acharam que a temática indígena era exclusivamente do domínio da antropologia e, ademais, subscreveram à idéia de que os índios foram rapidamente dizimados e que os poucos que sobreviveram viviam fora das fronteiras da civilização brasileira. Começamos a emendar esta omissão mas ainda há muita pesquisa e reflexão a serem feitas.

***IHU On-Line- Quais são as formas contemporâneas de escravidão? Com qual conceito de escravidão a ONU trabalha?***

**John Monteiro**- Este tema é muito rico para discussão, porém é marcado por certos equívocos e mal-entendidos. Se é verdade que existem hoje várias formas de trabalho forçado que são manifestamente ilegais e que infringem convenções internacionais de trabalho e de direitos humanos, chamá-las de escravidão é problemático, ainda que o efeito dramático seja eficaz. O problema, ao meu ver, é que a escravidão não se resume apenas no cerceamento da liberdade do trabalhador mas antes se assenta num amplo suporte jurídico que garante e justifica a sua manutenção e reprodução. Este sistema resguarda os direitos do senhor sobre a sua propriedade e confere uma legitimidade ao tráfico e exploração de pessoas que são privadas de seu direito de ir e vir. No caso da escravidão moderna, esta legitimidade passou a ser contestada a partir do final do século XVIII (apesar de existirem vozes dissonantes antes disso), ensejando o crescimento de um movimento político e social abolicionista, uma das grandes causas no Ocidente

durante o século XIX, resultando inicialmente na abolição do tráfico há exatos 200 anos, e finalmente na abolição da escravidão no Brasil em 1888. A Organização Internacional do Trabalho, agência multilateral da ONU, redigiu diferentes convenções para o combate ao “trabalho forçado”, que abrange diversas formas abusivas de exploração, desde a prática de cárcere privado por dívidas até a exploração forçada de crianças como mão-de-obra militar. Em anos recentes - não consigo localizar uma data - passou a usar com mais frequência o termo “escravidão” para descrever estas práticas, até porque muitas vezes incluem o tráfico internacional, mais claramente delineado no caso da “escravidão sexual”, porém que também se aplica a circuitos de trabalho migratório, em diversas partes do mundo contemporâneo.

***IHU On-Line- Como preservar o patrimônio cultural dos brasileiros indígenas, no mundo globalizado, como agir no sentido de impedir que esse patrimônio se transforme em produto de consumo da indústria cultural?***

**John Monteiro-** Ainda é bastante incipiente o debate em torno da propriedade intelectual e da preservação da cultura imaterial referente aos povos indígenas no Brasil, porém há novas pesquisas e iniciativas nesta área. A produção cultural constitui um processo dinâmico e contínuo, portanto há o perigo de “congelar” este dinamismo através de uma proteção que visa sempre projetar os índios numa chave de pureza e inocência antes do contato. Muitos grupos indígenas fazem parte de um contexto transatlântico de circulação de idéias, de bens materiais e de pessoas que se estabeleceu ainda no século XVI. Dou um exemplo: não demorou muito para os grupos tupis começarem a utilizar penas de galinha em seus adornos plumários, muitos dos quais foram produzidos como objetos de troca e que acabaram nas coleções dos gabinetes de curiosidades na Europa.

Quanto à idéia de impedir que o patrimônio seja transformado em produto de consumo, é bom lembrar que vários grupos indígenas possuem projetos de comercialização de músicas, artesanato e de serviços de etnoturismo. Não vejo muitos problemas na disseminação de saberes tradicionais, de estilos gráficos e de artefatos “étnicos” desde que sejam respeitados os direitos de propriedade intelectual, que em muitos casos não são de um produtor cultural individual, mas de um povo ou de uma comunidade ou de uma facção dentro de uma comunidade. Por exemplo, quando uma grife internacional coloca em suas roupas um motivo gráfico da pintura corporal de um grupo indígena, isso só pode ser feito mediante a anuência do grupo e com a participação nos lucros comerciais realizados. Cabe ao Estado e às organizações internacionais regulamentarem e garantirem os direitos dos povos envolvidos, entendendo que estes direitos são de natureza especial, pois se trata de um tipo específico de propriedade, sujeito a várias formas de abuso e pirataria.

***IHU On-Line- Quais as principais lacunas no estudo da história da escravidão no Brasil?***

**John Monteiro-** A escravidão é um dos temas mais exhaustivamente estudados no Brasil e contribuiu, de maneira muito especial, aos avanços marcantes que a historiografia brasileira viveu nos últimos 25 anos. Apesar da minha contribuição pessoal ao campo, ainda acho que a escravidão e outras formas de trabalho indígena precisam ser estudadas com mais afinco, sobretudo à luz de uma vasta documentação que está cada vez mais disponível. Outro aspecto que gostaria de ver mais estudado diz respeito à presença de escravos como mão-de-obra militar na América Portuguesa e no Brasil independente, não apenas na Guerra do Paraguai, mas em vários outros conflitos civis e internacionais que marcaram a história do país. Talvez a maior lacuna reside nas relações entre africanos, afrodescendentes e

indígenas na história do Brasil. Há alguns estudos novos que exploram esta questão de maneira muito interessante, porém temos que superar algumas idéias consolidadas desde há muito, que levaram ao desenvolvimento segregado dos estudos afro-brasileiros e indígenas.

**IHU On-Line- No México e em países andinos, a identidade nacional e a indígena são fortemente imbricadas. No Brasil, essa ligação é mais frouxa. Por quê?**

**John Monteiro-** A resposta óbvia é que, nesses países, o contingente indígena na população como um todo é muito mais evidente, além de reivindicarem origens remotas nos estados e impérios das civilizações precolombianas. Mas a questão não é tão simples assim. É importante situar a maneira em que cada nação independente configurou a sua auto-imagem. Antes da Revolução Mexicana de 1910, a imbricação entre as guarani, estratégia que por sinal foi adotada com êxito no país vizinho, Paraguai. Acabou triunfando, no século XX, uma identidade mestiça mas essa é uma outra história, muito complicada para desenvolver aqui.

**IHU On-Line- Como foi possível reintegrar as sociedades indígenas à historiografia do país? Quais são as contribuições dos estudos de história indígena para a compreensão da sociedade brasileira?**

**John Monteiro-** A temática indígena sempre esteve presente, de uma maneira ou outra, na historiografia do país. Prevaleceu, por muito tempo, uma narrativa da extinção, na qual os índios nunca ocuparam mais do que a ante-sala da história nacional. Voltando à primeira pergunta, o crescimento do movimento indígena e o conseqüente aumento da visibilidade dos índios criou uma nova demanda, inicialmente atendida pelos antropólogos. Mas os antropólogos se interessam muito mais pela história indígena, isto é, as perspectivas

identidades nacional e indígena era muito problemática, oscilando entre evocações de um nacionalismo precolombiano e discursos racializados sobre o atraso que os índios representavam. Do mesmo modo, na Bolívia se percebe um movimento descontínuo nesta imbricação. Depois da Revolução de 1952, por exemplo, a identidade camponesa, fruto do forte movimento sindical, suplantou a identidade indígena. Esta, no entanto, voltou com muito vigor nos anos 80 e hoje o presidente Morales busca mobilizar esta imagem, apesar de existir uma certa tensão entre as políticas do governo e os anseios do movimento indígena. Quanto ao Brasil, esta relação nem sempre foi tão frouxa. Mesmo antes da independência, os inconfindentes mineiros usaram como símbolo a imagem de um índio rompendo as correntes da opressão. No século XIX, a literatura e arte indianista buscaram valorizar as origens indígenas da nação brasileira. Também se flertava com o bilingüismo português/tupi-

indígenas sobre o seu próprio passado, com poucos pontos de diálogo com as questões historiográficas mais abrangentes. A aproximação do tema pelos historiadores traz contribuições importantes para a história da cultura, história da religião, história política e história econômica. Vários historiadores notaram que a inclusão dos índios não visa simplesmente corrigir uma omissão, mas também permite repensar aspectos fundamentais da historiografia em vários períodos e regiões do país. Por exemplo, num artigo que publiquei sobre a presença e participação dos índios na história da cidade de São Paulo chamei a atenção para a idéia de que a experiência histórica dos índios permite entender algumas características constantes na história da cidade: o papel de atores sociais que pouco aparecem nas versões convencionais, a importância e o desafio da diversidade étnica e cultural e, por fim, o padrão de violência e exclusão que marca, até hoje, o cotidiano da metrópole. E do país.

## Perfil Popular

### José Alencar Pereira, o “Dico”

*A nova editoria da revista IHU On-Line descreve o perfil popular de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos aqui a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.*



José Alencar Ponciano Pereira, o Dico, 26 anos, é presidente de Associação de Trabalhadores Urbanos de Resíduos Orgânicos e Inorgânicos, a ATUROI, de São Leopoldo. Ele é o entrevistado da editoria *Perfil Popular* da edição desta semana. Dico é natural de Sobradinho. Nasceu e se criou numa olaria, onde trabalhou dos 14 aos 17 anos. Em 1999, surgiu para ele uma oportunidade de emprego em São Leopoldo. Começou a trabalhar em uma firma de plástico. Morava com a avó e com um tio, que o ajudaram muito. “Trabalhei três meses no contrato, porque o produto que lavava o material não me fez bem. Fui afastado da empresa”, lembra. Depois disso, Dico ficou desempregado durante dois anos. Em seguida, foi conseguindo alguns “biscates”, empregos “frios”. Depois, ficou desempregado de novo, por mais seis meses. “Foi nesse período que surgiu a oportunidade de trabalhar em coletivo. Minha tia e minha mãe montaram um barzinho, onde se concentrava todas as tardes um grupo de amigos. Todos desempregados. Em 2002, apareceu a companheira de luta Gorete, de São Leopoldo, que tinha entrado no Movimento dos Trabalhadores Desempregados, o MTD, movimento nacional.” Gorete ofereceu a oportunidade da criação de grupos de produção. Ela representava o

MTD em São Leopoldo, na época. “Conseguimos reunir 27 pessoas na cidade, divididas em três frentes de trabalho. Nós, da Vicentina, optamos pela frente de reciclagem. Gostamos da proposta e nos juntamos à primeira marcha, em maio de 2002. Foi uma grande marcha, com 2.600 pessoas, para brigar por essas frentes de trabalho. E não era só gente do MTD. Eram vários movimentos: pela moradia, MST, Movimentos de Catadores. Juntamos todos os desempregados e fomos para essa luta durante três dias. Começamos a caminhar em Gravataí e foram três dias até chegar em Porto Alegre, no Palácio Piratini. A luta deu resultado e o grupo começou a se articular em coletivo”, conta Dico.

**Força de vontade** - O grupo da reciclagem começou a fazer a coleta meio ano antes de receber a primeira parcela do governo estadual. “Foi massacrante”, lembra Dico. “A gente não tinha nada, só força de vontade de gerar nossa própria renda. Nós éramos entre 12 e tínhamos só uma bicicleta. Com a primeira parcela compramos nossa primeira ‘carreta’, com umas cantoneiras e duas rodas de bicicleta. Já começou a melhorar”. O pai de Dico também estava desempregado

e começou a catar resíduos para ele também. Montou uma prensa manual de maneira, para prensar o material que recolhido. “Com o apoio que o MTD ia conseguindo para o nosso grupo, conseguimos verba para comprar a prensa que temos até hoje. Com essa verba, conseguimos também fazer mais carretas, comprar mais bicicletas, capas de chuva e outros instrumentos de trabalho”.

**Personalidade de líder** - Há três anos Dico é presidente da ATUROI. Ele faz parte da coordenação estadual do MTD e representa São Leopoldo. “O Movimento me ajudou muito nessa questão de liderança. Eu nem queria assumir isso. Não tenho muito estudo. Fiz só até a 5ª série. Mas as pessoas apostaram em mim e a gente se encontrava em uma situação difícil”. A ATUROI conta hoje com 15 pessoas, que tiram da Associação o seu sustento. A melhora mesmo veio depois que o grupo conseguiu aprovar o projeto de coleta seletiva em São Leopoldo, que era um sonho de todos. Dico relembra que em 2004 houve o Encontro Latino-americano dos Catadores, em São Leopoldo. “Foram três dias, quando nós apresentamos nosso primeiro projeto ao prefeito Ari Vanizzi<sup>25</sup>. Hoje fazemos coleta seletiva compartilhada, de porta a porta. Há um ano e meio entregamos um saco vazio e pegamos um cheio. Além da nossa, há mais uma associação e uma cooperativa fazendo o mesmo trabalho em regiões diferentes de São Leopoldo. Nós cuidamos da região oeste. Vendemos o material por quinzena para atravessadores que vendem para empresas maiores que trabalham com sucata. Ainda estamos na mão dos atravessadores. Nós coletamos, separamos o material, reciclamos: papel, plástico, pet, vidro. Por quinzena, conseguimos juntar uma média de R\$ 3 mil por cerca de 7 ou 8 toneladas”, explica.

---

<sup>25</sup> Ari Vanizzi: prefeito do município de São Leopoldo pelo Partido dos Trabalhadores (PT). (Nota da *IHU On-Line*)

**Preconceito** - José Alencar, o Dico, fica feliz ao reconhecer que as pessoas já estão se adequando ao projeto. “Passou a fase de ser mal-encarado na rua. Sempre tem os que buscam material para sobreviver, mas também tem aqueles que vão na lixeira para disfarçar e roubar”.

**Suporte**- Dico e todo o pessoal da ATUROI é muito grato ao Programa Tecnosociais, do Instituto Humanitas Unisinos. “Há dois anos nessa parceria, eles, para nós, são os nossos pais. Em tudo o que a gente precisa, eles nos apóiam: conseguem cursos na área de reciclagem, de como fazer uma reunião, um planejamento. Isso fortalece cada vez mais a nossa associação”.

**Família** - Dico conta que é “amasiado” com sua companheira Anelise, com quem tem dois filhos: um de nove e um bebê de um ano: Maicon e Marlon. Anelise é a secretária da Associação. A família reside no Loteamento Cerâmica Anita, considerado por Dico um lugar “não muito bom”. “Tive que ocupar, né? Eu dependia de favor para morar. Por causa dos filhos, toda hora dava briga. Achei melhor achar um cantinho pra mim. Me joguei pra dentro de um banhado. Faz quase três anos que eu moro dentro do banhado, no meio dos mosquitos, nessa situação”. A região foi recentemente beneficiada com 120 casas populares. E Dico tem a esperança de conseguir uma dessas 120 casinhas.

**Lições de vida** - Dico quer ensinar para seus filhos a importância do que ele faz: proteger o ambiente. “Isso é muito importante. Vemos muita gente tocando lixo no rio, dentro do valão, sendo que tem onde dar fim aos seus resíduos. Essa questão de conscientizar é um pouco demorada. Mas quero passar isso para meus filhos. Meu guri mais velho não gosta do que eu faço. Ele tá na primeira série, rodou dois anos já. Ele é meio

caborteirinho<sup>26</sup>, sabe? Não gosta que eu saia para uma lixeira. No início, ele ia junto e gostava de ir nas lixeiras achar coisinhas, porque a gente acha muita coisa. Mas, hoje, ele cresceu um pouco mais, de repente os amiguinhos dele falam coisas. Porque o catador muitas vezes é chamado de vagabundo pra cima. Tem muito preconceito. As pessoas dizem que a gente não quer trabalhar, não quer arrumar serviço. A gente não tem possibilidade de achar um emprego de carteira assinada, tudo certinho. Eu muitas vezes chegava a chorar de raiva, com vontade de dar porrada, porque o que eu faço é um trabalho! Eu tô ali, não tô roubando, tô fazendo meu dinheiro digno! Pra mim, esse é um trabalho como qualquer outro. No começo eu até ficava meio com vergonha, mas hoje o que eu mais gosto de fazer é estar na rua, na coleta, conversando com as pessoas. Essa troca de idéias é muito boa”.

**Sonho** - “Meu sonho é conseguir gerar nossa própria renda, se manter pelo nosso próprio trabalho. Acredito que o ‘Pai Velho’ tá olhando e tá dando tudo certo, com nosso esforço, com todas as nossas lutas. O meu maior sonho é que eu consiga, da reciclagem, do que eu escolhi para fazer, conseguir uma vida digna para minha família, meus filhos, meus companheiros”.

**Relação com Deus** - Dico enche a boca para dizer “sou católico”. “Claro, não vou todos os domingos à missa, mas acredito muito em Deus, rezo, peço pra Ele que proteja a família, os amigos, a nossa Associação, que é o nosso trabalho, nossa sobrevivência”.

**Medo** - Dico tem “um monte de medos”, porque está na rua, e não sabe o que pode acontecer. “Trabalhamos

de bicicleta. Eu saio do galpão e penso ‘será que eu volto?’”.

**Movimentos sociais** - Para Dico, os governos deviam apostar mais nos movimentos. “Só que o povo não bota na cabeça que quem tem que buscar a conquista é ele. Os movimentos procuram juntar pessoas, porque vai fortalecer, e vai ter mais possibilidades de ser beneficiado”.

**Brasil** - Sobre nosso País, o presidente da ATUROI é enfático: “Eu só acredito no Brasil vendo ele acontecer. Claro, deu umas mudadas em vista do que era o Brasil uns anos atrás, principalmente na classe mais baixa, que é a nossa classe. Quantas casas, quanta ajuda foi dada ao pessoal que não tinha água. Acho que falta mais dedicação em todas as questões: trabalho, saúde, segurança. Hoje a gente sai de casa e talvez nem volte por causa de um celular, de um tênis, um boné. Mas acho que vai melhorar quando a população começar a cobrar”.

---

<sup>26</sup> **Caborteiro**: Diz-se de, o indivíduo manhoso, que vive de expedientes. Diz-se do cavalo arisco, cheio de manhas. (Nota da *IHU On-Line*)



## IHU REPÓRTER

**Adriano Naves de Brito**

*Goiano, mas com o pé no mundo. Adriano morou em diversas partes do Brasil e também na Alemanha, sempre com a família a tiracolo. Estudou Teologia na adolescência, e Pedagogia quando jovem, mas foi na filosofia que encontrou seu caminho. Hoje, casado e com dois filhos, encontrou seu lar em Porto Alegre. Tem como sua paixão a Filosofia, que leciona no PPG da Unisinos. Adriano Naves de Brito publicou juntamente com seu colega, Prof. Thomas Kesselring, o caderno IHU Idéias Ética e Sentimentos Morais, de 2005, disponíveis para download no sítio do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Conheça um pouco mais desse professor na entrevista a seguir.*



**Origens** - Sou goiano, nasci em Anápolis<sup>1</sup>, mas cresci em Goiânia. Somos uma família de três irmãos, sendo que sou o do meio. Meus dois irmãos são físicos. Meu pai é do Norte, de Belém, e minha mãe é mineira.

**Infância** - Usávamos o quintal abundantemente. Construíamos casa nas árvores e coisas assim

**Estudos** - Estudei em um colégio espírita durante o primário e depois em um marista. Minha lembrança mais forte é de quando estudava no colégio marista. O Ensino Médio fiz de uma maneira curta, pois prestei vestibular na metade do terceiro ano na Universidade Federal de Ouro Preto, para o curso História, e fui aprovado. Como não tinha concluído o Ensino Médio, decidi estudar Teologia enquanto esperava o fim do ano.

**Teologia** - Estudei Teologia nos últimos seis meses do terceiro ano do Ensino Médio na Diocese de Goiânia,

---

<sup>1</sup> Anápolis: município do Estado de Goiás, considerado a capital industrial do estado. (Nota da *IHU On-Line*)

onde havia um curso para leigos. Como era muito envolvido com movimentos sociais, a Teologia era uma opção natural para mim. Foi ali, sem dúvida, que a semente da filosofia foi plantada em mim pela primeira vez.

**Movimentos Sociais** - Participei na reconstrução do movimento da Juventude Estudantil Católica, a JEC, que existiu no Brasil até o fim da década de 60. Uma vez reconstruído, ela se tornou a Pastoral Estudantil. Aliás, uma figura importante neste processo foi o Pe. Hilário Dick, que, para minha satisfação, voltei a encontrar aqui na Unisinos. Eu estava, pois, no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 muito envolvido com os movimentos políticos e sociais do país.

**Pedagogia** - As circunstâncias me levaram a não cursar História na UFOP e prestei vestibular para Pedagogia na Universidade Católica de Goiás. Eu tinha lido abundantemente Paulo Freire por conta do meu envolvimento com o movimento social e me interessei pela Pedagogia, curso que fiz muito rápido, em três

anos, inclusive por ter podido aproveitar a teologia que então estudara.

**Rio Grande do Sul** - Concluída a Pedagogia, decidi que não queria seguir os estudos pós-graduados na área. Comecei então a Filosofia na Universidade Federal de Goiás. Ali lecionava um professor gaúcho que acabara de concluir seu Mestrado em Filosofia na Federal. Como o curso oferecia bolsas, vim para o Estado fazer o mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Família** - Conheci minha esposa durante o mestrado na UFRGS. Tenho um filho que estuda Engenharia da Computação em São Paulo e uma filha que ainda mora conosco e cursa o último ano do ensino fundamental.

**Trabalho** - O meu primeiro emprego foi no colégio Marista, como catequista. Mais tarde, nesta mesma instituição, fui professor de Inglês e Religião.

**Alemanha** - Fiz um longo mestrado: de quatro anos, como era na época, o que foi uma experiência muito boa, pois tinha vindo da Pedagogia. Entrei no mestrado para estudar Filosofia Política, mas acabei estudando Teoria do Conhecimento. Nesse tempo, fiz um intercâmbio discente com a Unicamp, o que me aguçou o interesse pela Filosofia da Linguagem. Concluído o mestrado, fui para a Alemanha dedicar-me à filosofia de orientação analítica.

**Mudanças** - Em minha mudança para a Alemanha, fui acompanhado pela família. Meus filhos ainda eram muito pequenos, e eu e minha esposa éramos muito jovens. Se tudo isso por um lado criou desafios maiores, por outro enriqueceu muito nossa experiência. Um dos aspectos mais notáveis foi o companheirismo que criamos com

nossos filhos que, por estarmos sós, acompanhavam-nos em tudo.

**Volta** - Retornamos para o Brasil por Goiás, onde trabalhei na universidade federal. De lá vim para o Rio Grande do Sul, e, há três anos, moro em Porto Alegre.

**Dia-a-Dia** - Voltamos para o Rio Grande do Sul com os filhos crescidos, fazendo com que o aspecto familiar ganhasse outra dimensão. Aqui cada um tem as suas atividades. Minha esposa trabalha em Caxias do Sul, eu em São Leopoldo e minha filha estuda no Colégio Anchieta, além de ser bailarina. Então nos encontramos no café da manhã e à noite em casa.

**Horas Livres** - Eu gosto muito do que eu faço. E acho que sigo a tendência da maioria dos professores: fazer nas horas livres mais do mesmo. Leio muito, preparo algum texto e assisto filmes. Gosto muito de caminhar e nadar, mas não tenho praticado muito.

**Cinema** - Não dá para escolher um filme preferido, tenho um gosto muito variado. Gosto de *blockbusters*, de filmes *cult*, de ficção científica, de documentários científicos. Sempre que posso vou ao cinema ou assisto a filmes em casa.

**Literatura** - Acho difícil também escolher um autor em Filosofia. Nesse campo, quanto mais se ganha experiência, mais se vê o prazer que dá circular entre os diferentes autores. Aprecio autores que colocam argumentos, e que trabalham próximos à ciência. Para citar uma influência recente, ficaria com Tugendhat<sup>1</sup>. O primeiro texto de filosofia que li em alemão é de autoria dele, e já ele me impressionou muito pela clareza expositiva.

---

<sup>1</sup> Ernst Tugendhat: filósofo europeu cuja doutrina se apoia sobre uma dimensão existencial e cotidiana. (Nota da *IHU On-Line*)

**Brasil** - A minha formação pessoal e teórica se deu em um momento em que o Brasil estava reconquistando a democracia, obviamente. Esse momento marcou muito a minha geração. Aquelas idéias me marcaram muito. Com 16 anos me filiei ao PT de Goiânia e participei ativamente do movimento estudantil. Quando retornei ao Brasil, na época em que Fernando Henrique Cardoso assumia o poder no país, voltei a participar do movimento universitário, encontrando a minha geração nos postos de professores. Voltamos a discutir, e vimos que o Brasil tinha mudado, que era preciso ver as coisas sob outra perspectiva. Já éramos um país redemocratizado, e, no bojo do plano real, a cominho da reconstrução e redefinição do Estado. O governo do Fernando Henrique teve aí um papel decisivo. Contudo, a reconstrução das bases do país não foi acompanhada por um crescimento suficientemente forte para atender as demandas da população. O discurso do Lula capturou justamente este espírito e apostou, a meu ver, na idéia já defendida pela elite mediante a figura do Collor, de que tudo dependia apenas de vontade política. Vendeu-se novamente a idéia de que alguém poderia fazer por nós o trabalho que havia e há por ser feito. Nesse aspecto, a subida do Lula ao poder aconteceu tarde demais para os ideais petistas. É improvável, pelo que demonstrou o governo até aqui, que o PT tivesse as condições políticas e intelectuais de implementar as mudanças que a era FHC implementou, mas, à época da eleição do FHC, o Brasil estava à espera de um projeto. Ele veio e o Lula e seu partido foram perdendo o vigor ideológico e propositivo. Sobrou a determinação de conquistar o poder, mas nenhuma reavaliação de projeto foi feita. Nesse sentido, as propostas do presidente sempre estiveram aquém do momento do país. O que se espera é que o país aprenda que não há salvação fora da sociedade civil; que aprenda que o discurso salvacionista, venha ele da elite rica ou proletária, não pode fazer pelo

país aquilo que somente o seu povo pode; que aprenda finalmente a dimensão da responsabilidade civil pela construção de um país.

**Música** - Sou muito eclético também no que tange à música. É mais fácil dizer o que eu não gosto, como rock “pauleira”, funk e rap. Fora isso, meu gosto vai da música sertaneja, passando pela MPB, música country americana até a música clássica, sobretudo com alma melancólica. A escolha é uma questão do momento e dos sentimentos que ele envolve.

**Unisinos** - Vim para a Unisinos tendo deixado uma universidade federal. Foi uma opção clara por um modelo. Trabalhei dez anos nessa universidade, tinha um engajamento forte, político e acadêmico. Cheguei mesmo a concorrer à reitoria. Mas houve um momento em que achei que aquele modelo não tinha mais perspectiva de futuro e que minha carreira pessoal estava aprisionada nas amarras que caracterizam o emprego público. Tive oportunidades de ir para outras instituições públicas, mas estava decidido a ir apostar em um outro modelo. Nesse aspecto, a Unisinos foi uma opção consciente. Estamos passando, no que tange ao sistema de ensino superior no Brasil, por um momento muito delicado com o governo Lula. Não há no horizonte um modelo novo e precisamos de um. Não obstante isso, o momento de mudança e da reestruturação do sistema virá. Acho que, em termos gerais, a Unisinos está indo na direção correta e gosto da idéia de estar participando de um processo de mudança. Não há ainda no Brasil instituições universitárias com um modelo renovado e maduro. As instituições estão precisando se reinventar (e isso não ocorre só no Brasil) e acho que a Unisinos está corajosamente tentando fazer isso.

**Instituto Humanitas Unisinos** - O meu contato com o Humanitas foi esporádico, com participações em eventos

promovidos pelo Instituto. Acho que é um lugar importante para a vida acadêmica, pois permite o debate entre seus atores e desses com a sociedade. Ele deve estar atento, como está, em promover a discussão, em arejar o ambiente universitário, permitindo o confronto de idéias, o que é fundamental para uma vida

universitária que mereça o nome. Essa função do Instituto Humanitas deve ser levada muito a sério e deve ser levada a cabo da maneira mais aberta possível às diferentes orientações sociais e ideológicas dos movimentos sociais e das correntes intelectuais que hoje coabitam no país.